Um Protagonista da Missão dos Jesuítas na China no Século XVII
Martino Martini S. J.

FRANCO DEMARCHI*

*Professor Emérito; Presidente Honorário do Centro Studi Martino Martini, Trento (Itália), instituição vocacionada para a valorização da figura do missionário-cientista trentino. Estudou em Bolzano, Como, Rovereto e Trento. Consagrado sacerdote em 1943, licenciou-se em Ciências Políticas (Universidade Católica de Milão). Na qualidade de responsável da divisão de cultura do Instituto Ítalo-Chinês para os Intercâmbios Cultural e Económico de Milão, fundou e dirigiu a revista trimestral *Mondo Cinese*. É membro da Comissão Científica do Instituto Nacional de Sociologia Rural de Roma e integra os conselhos editoriais de várias revistas sociológicas italianas.

Professor Emeritus and Honorary President of the Centre Studi Martino Martini, in Trento, Italy, an institution dedicated to publicizing the importance of the missionary-scientist from Trento. Dr. Demarchi studied in Bolzano, Como, Rovereto and Trento. Consecrated as a priest in 1943, he has a MA in Political Science (Catholic University of Milan). While responsible for the cultural department of the Italo-Chinese Institute for the Cultural and Economic Exchange in Milan, he founded and directed a quarterly magazine, Mondo Cinese. *He is a member of the Scientific Committee of the National Institute of Rural Sociology in Rome and of the editorial advisory boards of several Italian sociological magazines.*

Frei Martino Martini S.J., num retrato anónimo do século XVII (óleo sobre tela; 91,5x66 cm). Original no Museo Provinciale d'Arte do Castello del Buonconsiglio, em Trento, Itália. Esta reprodução, bem como as restantes gravuras que acompanham o artigo, extraídas da obra monumental de M. Martini – designadamente, do *Novus Atlas Sinensis*, Amesterdão, 1655 – foram gentilmente cedidas pelo Centro Studi Martino Martini, Trento.

A figura e a obra do jesuíta Martino Martini têm sido redescobertas, depois de duzentos anos de esquecimento, há só pouco tempo. Uma nova luz tem sido lançada assim sobre a célebre Questão dos Ritos chineses, em que ele exercitou uma função central, preanunciando o actual e relevantíssimo problema da infiltração quer dos valores cristãos, quer de todos os valores especificadamente europeus nos países doutras tradições culturais.

Três são as questões que tencionamos expor neste trabalho: porque é que Martino Martini teve tanta importância no século XVII; porque caiu no esquecimento; como foi redescoberto.

A história do encontro entre as civilizações mais avançadas da terra coincide com a história do cristianismo na China. Entre as datas fundamentais da evangelização da China lembra-se geralmente a de 1582, quando Matteo Ricci desembarcou em Macau, donde entrou em Guandong, que era a província meridional do Celeste Império, e o ano de 1656, quando o papa Alexandre VII promulgou o Decreto que aceitava os ritos chineses por serem de natureza civil e não-religiosa. Este decreto, confirmado só em 1939, reconhecia a validade teológica do método seguido pelos jesuítas para a introdução da religião cristã na China. Era um método muito civilizado, que reconhecia não só a bondade substancial da natureza humana, mas também a de muitos aspectos das culturas ignoradas, que eram rejeitados, julgando-se, como inexactas e caluniosas, as objecções contrárias.

No mesmo ano do célebre decreto pontifício, Blaise Pascal (1623-1662) escrevia de Port-Royal *Les provinciales*,[1] que denunciava a doutrina probabilista dos jesuítas, considerada uma abertura a favor do laxismo, de que, fora o sinal da cruz e tudo o mais, o método seguido pelos jesuítas na evangelização dos chineses representava um exemplo. Naquele ano, o cardeal Pietro Sforza Pallavicino (1607-1667) publicava a *Storia del Concilio di Trento*,[2] rectificação duma obra anterior de Paolo Sarpi de assunto tendencioso. O decreto respeitante à Ásia oriental podia parecer sem dúvida bastante secundário no que diz respeito aos grandes problemas políticos e religiosos do mundo que mais se debatiam naquele ano. Além disso, lembre-se que o governo francês, presidido por Mazarino, e o governo inglês, guiado por Cromwell, iam preparando uma surpreendente aliança contra a Espanha.

Entretanto, em Roma, Gian Lorenzo Bernini[3] desenhava o projecto da grandiosa colunata na *Piazza San Pietro*, enquanto, em Florença, os discípulos de Galileu fundavam a *Accademia del Cimento*. Ainda hoje, tanto a Colunata como a Academia podem ser considerados factos simbólicos solenes duma civilização europeia que se expande por todo o planeta com uma confiança, por vezes, excessiva. Neste contexto de grandeza e de responsabilidade, os sinais de mesquinhez e de estranheza, frequentemente atribuídos à Questão dos Ritos, perdem em importância; ela documenta, pelo contrário, a função histórica dum caminho acidentado que conduziu à formação duma cultura civil de amplidão universal.

1. A FUNÇÃO EXERCIDA POR MARTINO MARTINI NA QUESTÃO DOS RITOS

O estado de espírito que animava os jesuítas do século XVII na profissão duma determinada abertura a favor de experiências culturais imprevistas e dificilmente compreensíveis, deparava inevitavelmente com o sentimento daqueles que receavam que a dilatação do horizonte pudesse significar o extravio dum património de verdade que até então tinha representado o pedestal da civilização contra toda barbárie.

Por esta razão, o decreto pontifício de 1656 pode ser considerado um acto de grande coragem, um primor intelectual e jurídico que antecipa os nossos séculos, apesar de ser pouco compreensível naquele século europeu. Além disto, acrescente-se que o dito decreto derribava uma posição tomada pela Santa Sé apenas onze anos antes. Esta posição era de todo contrária à confiança na classe dirigente da China que ia ensaiando as primeiras, possíveis, composições entre duas grandiosas histórias culturais, tão ilustres como autónomas. Ainda hoje elas são reduzidas a duas referências antitéticas (*Oriente* e *Ocidente*), como se fossem patrimónios de saber inexoravelmente alternativos.

Mas o decreto de 1656 tinha acolhido a opinião mais moderna e favorável: o diálogo podia construir o reino da Verdade com mais confiança do que as formas existentes da contraposição e do desafio. O pontífice que decretava esta confiança no encontro pacífico entre as duas civilizações não ficou isolado, sendo apoiado pela Congregação da *Propaganda Fide,* quase por unanimidade.[4]

Que possibilitou, num só decénio, esta inversão de avaliação a níveis tão altos de sabedoria? A discussão estava bem apoiada por uma clara percepção da diversidade entre a "quæstio iuris" e a "quæstio facti". E quem preparou uma ilustração dos factos tão eficaz, que obteve, em poucos dias, o assentimento sobre temas tão árduos como o significado do culto dos mortos e a valorização duma personalidade representada pela figura de Confúcio e pela sua doutrina?

A personagem que conseguiu apresentar o mundo chinês aos pináculos da cultura europeia da época foi ignorada durante muito tempo ou relembrada só quase acidentalmente. Uma figura de grande mérito tem saído à luz há pouco tempo: trata-se do missionário Martino Martini (1614-1661) "italicus lingua, germanicus fidelitate", jesuíta nascido em Trento, formado no Colégio Romano, consagrado sacerdote em Roma e pároco em Hangzhou.

Ele não chegou, de maneira nenhuma, ao Santo Ofício com pouca preparação, como se deduz das suas obras poderosas, chegou, ali, decerto num momento particularmente feliz, em que homens de autoridade e de notável grandeza mental esperavam por ele com curiosidade e esperança.

Se Ludwig von Pastor[5] tivesse sabido mais sobre esta personagem, teria sido muito mais seguro, enquanto K. Bihlmeyer e M. Tuechle[6] teriam sido mais precisos. O ensaio vulgarizador de Chen Chih-Mai sobre *La Chiesa Cattolica in Cina*[7] também não o nomeia, apesar desta obra mencionar missionários ilustres. Quer a obra de René Laurentin,[8] quer a obra, mais recente, de Jean Charbonnier,[9] as duas bastante louváveis, limitam-se a mencionar Martini, assinando-lhe uma função marginal na qualidade de informador ocasional. Tudo isto surpreende, sendo possível constatar a desproporção entre os escassos conhecimentos histórico-geográficos sobre a China, anteriores à publicação dos volumes produzidos por Martini, e a contribuição destes últimos. Com mais razão, o silêncio sobre o nosso cientista pesa mais negativamente sobre a avaliação que Hans Küng (e Julia Ching)[10] faz acerca deste facto. Infelizmente, análogo silêncio se constata na obra de Giacomo Martina.[11] À luz dos factos, não surpreende que também a recente, estimável obra sobre os ritos chineses apresentada por David Mungello[12] não ponha em relevo a nossa personagem, o que nós consideramos necessário à luz dos estudos de S. Zoli, B. Bolognani, G. Melis, C. von Collani, G. Bertuccioli e de outros estudiosos de que se falará neste trabalho.

A vida de Martini foi curta: faleceu aos 47 anos, dez dos quais passados na China e oito navegando pelo mar entre naufrágios, epidemias e desafios de piratas; contudo deixou alguns documentos de extraordinária importância, a saber:

- o primeiro atlas da China com 17 tábuas
- a primeira história da antiga China de quase 400 páginas
- a primeira crónica dos acontecimentos políticos contemporâneos do Celeste Império
- a primeira gramática chinesa em língua latina
- o primeiro relatório pormenorizado da difusão do cristianismo naquele país
- a primeira introdução catecumenal em chinês em terra de missão
- a primeira explicação etimológica do nome *China*

Ninguém até então tinha contribuído para constatar a realidade concreta da civilização chinesa com análoga amplidão e precisão. As suas obras são ainda admiradas e estudadas pelos próprios chineses. A "quæstio facti" não podia esperar por um material mais abundante e rigoroso ainda que exposto em língua latina. Na verdade, as comissões romanas agiram com seriedade perante o material apresentado pelo próprio missionário; contudo elas não se mostraram muito convencidas, do que resulta a reconstrução deste facto feita pelo Professor Severino Vareschi, há pouco tempo.[13]

As obras de Martini representam uma poderosa documentação daquela metade oriental do planeta, a civilização chinesa, que, até então, era conhecida de forma indirecta. Elas chegaram à cultura europeia numa época de importância excepcional, isto é, no meio daquela "crisi della coscienza europea", como foi definida por Pe. Hazard,[14] que acabou por substituir uma civilização sustentada pela ideia do dever por uma civilização sustentada pela do direito.

Um estudo biográfico da personagem teria que tratar, necessariamente, de três problemáticas, a saber: da preparação que lhe permitiu desenvolver uma actividade amplamente documentada e convincente; das peripécias que acompanharam Martini até à China pelas suas províncias e por ocasião do regresso dela; da

repercussão quer dos seus escritos, quer dos seus contactos no ambiente chinês e europeu em que ele viveu e trabalhou.

2. VIDA EM TRENTO, ROMA, LISBOA

Martino Martini nasceu em Trento em 1614 duma família de comerciantes, que vivia no sector alemão da cidade. Tinha onze anos quando os jesuítas, em 1625, abriram uma escola em Trento.[15] Ali, Começou a aprender não só o método próprio da Companhia de Jesus e a sua disciplina, mas também as dimensões mundiais do empenho missionário, inspirado em Francisco Xavier. No mesmo ano do nascimento de Martini (1614), o padre jesuíta Nicolas Trigault[16] tinha publicado os *Diari* de Matteo Ricci, que tinha trazido consigo da China e traduzido do original italiano para o latim. O novo texto espalhou uma rajada de renovado entusiasmo e curiosidade por aquele imenso país culturalmente e politicamente evoluído.

Aos dezoito anos Martini deixou Trento para seguir a sua vocação missionária na Ordem dos Jesuítas: foi então para Roma e para o Colégio Romano, que em 1553-1554 tinha celebrado pela primeira vez a "instauratio solemnis studiorum" com a criação do curso de filosofia e teologia, depois de ter nascido como "Scuola di grammatica, di umanità e dottrina cristiana, gratis". Desta maneira a sede de Roma acabava por se juntar às sedes do Colégio, em Paris e Lovaina. Sendo gratuito o ensino, nele eram admitidos rapazes "omnis conditionis". Quando Martini chegou a Roma, o Colégio estava no cume da sua fama por eficiência didáctica, vigor intelectual e funcionalidade organizadora. Os inscritos eram dois mil alunos e provinham de diversas nações europeias, o que explica o título dado ao Colégio Romano, isto é, o de "Collegium universale" e o de "Omnium Nationum Seminarium".[17]

O que constituía o alvo fundamental perseguido pelo Colégio Romano era a formação "non minus...ad virtutem et pietatem, quam ad eruditionem animos informari".[18]

Junto dos jesuítas romanos, Martini aumentou a sua preparação duma maneira substancial. E estudou retórica, cuja aspiração era representada pela consecução da perfeição expressiva e da beleza formal mediante o conhecimento das línguas clássicas, bem como mediante o estudo de Cícero e da filosofia. Neste

domínio, no Colégio, seguia-se escrupulosamente Aristóteles. Os professores destinados ao ensino tinham que garantir, de facto, fidelidade a este mestre, o único a ser proposto. Segundo os jesuítas escolásticos e os que depois do curso de filosofia tinham intenção de estudar teologia (o único modelo era representado por São Tomás de Aquino) e, também segundo Martino Martini, os estudos filosóficos tinham um cunho determinado: "artes vel scientiæ naturales ingenia disponunt ad theologiam et ad perfectam cognitionem et usum illius inserviunt, et per se ipsas ad eundem finem iuvant".[19] Os professores, a quem eram recomendados estes cursos, tinham que ser capazes de expor com perícia a matéria, "ricercando sinceramente la gloria e l'amore di Dio" e não os interesses humanos.

Além do conhecimento do "universus Aristotelis contextus", era dada muita atenção às ciências exactas, tão abstractas quanto aplicadas, a saber: a geometria e a perspectiva, a aritmética, a geodesia, a esfera e a

cosmografia, as tábuas astronómicas, os astrolábios e os relógios, a música, a mecânica, a hidrografia, a arquitectura. Estas disciplinas eram obrigatórias, o que comprova a importância de que gozavam. A razão desta atenção tem que ser procurada na vontade de secundar a abertura a favor do desenvolvimento científico da época, na convicção que "ad finem nostrum conveniunt".[20]

Foi durante o biénio de retórica, isto é, em Agosto de 1634, que Martini fez um pedido oficial para partir para a Índia. À espera duma resposta afirmativa,[21] prosseguiu nos seus estudos com renovado empenho, tencionando adquirir grande competência nas ciências matemáticas, ciente da vantagem que estas tinham oferecido a quem, como Matteo Ricci, se tinha introduzido com êxito na China antes dele.

Ele teve um professor de nível extraordinário, o Pe. Athanasius Kircher (1601-1680), de Fulda,[22] a quem ficou ligado por afecto e estima e com quem esteve sempre em contacto, mesmo depois da sua partida para a China. Ele enviou-lhe, de facto, as suas investigações sobre o magnetismo. Aos seus ouvidos tinha chegado, em 1627, a notícia acerca da célebre Inscrição nestoriana de Xian, cuja descoberta remontava a dois anos antes, e que ele tinha mandado traduzir e dar a conhecer como *Dichiarazione d'una pietra antiga*, enquanto, numa obra posterior (*China illustrata*), tinha dado a conhecer os seus monumentos sagrados e profanos. Aquela inscrição documentava a chegada do cristianismo à China, vindo da Síria e da Pérsia, já no século VII. É fácil imaginar a repercussão daquela antiga memória nas escolas europeias da época.

Martino Martini chegou a Lisboa exactamente no momento mais saliente da reivindicação nacionalista portuguesa (1638). Foram anos cheios de acontecimentos: lembre-se só o processo contra Galileu (1633) e o ensino de Cornelis Jansen (W1638) em Lovaina.

Martini permaneceu algum tempo na capital de Portugal segundo a praxe destinada aos missionários. Estudou não só teologia e a língua portuguesa, mas também a pastoral missionária no estilo jesuítico, que pregava uma abordagem não-rígida com as realidades que os homens da época se aprestavam para encontrar. Tendo como meta a China, Martini aplicou-se, com os outros missionários que também tinham que se dirigir para lá, ao estudo dos costumes chineses. A sua formação mental, aberta a favor de cada estímulo cultural novo, impeliu-o a interessar-se também pela ciência náutica, conhecimento que em seguida lhe foi muito útil.[23] A vida numa cidade cosmopolita e vivaz, em virtude da sua posição geográfica estratégica, enriqueceu-o ulteriormente: a sua estadia entre pessoas de origens e culturas diferentes foi decerto uma profícua experiência de vida.

Tem que se ter presente também o clima social e político da época: enquanto estudava na capital portuguesa, o duque de Bragança, instigado pelos franceses, preparava a revolta (1638) para libertar Portugal do domínio espanhol. Entretanto, uma grande conjuração guiada por Gastão, irmão de Luís XIII (W1643), lançava as suas bases em Madrid, no próprio governo de Gaspar Olivares (W1645),[24] com a intenção de suprimir o cardeal Armand Richelieu (W1642). A vasta conspiração foi afogada em sangue, o que comprova o enorme vazio de amizade cristã que grassava pelas cortes principescas da época.

A Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) tinha esgotado os armamentos das forças militares mobilizadas, quer para conservar o império europeu nas mãos dos Habsburgos da Espanha, quer para executar o projecto francês que tencionava impor uma nova hegemonia na Europa. Os expedientes diplomáticos e a corrupção tinham que dar lugar a medidas concretas para reparar os custos produzidos pela miséria das pestilências, das carestias e dos estragos.

Havia um esgotamento geral das reservas de ouro dos governos por causa dos custos de quase um milhão de soldados numa Europa de cerca cem milhões de habitantes. Por outro lado, naqueles mesmos anos, as revoltas camponesas e a invasão tartárica num país com uma povoação pobre, se comparada à do nosso Ocidente, e com um complexo de forças armadas de um milhão de soldados, produziam eventos análogos. No parecer do nosso missionário dever-se-ia, então, formar uma força alternativa baseada na expressão interpessoal e internacional da amizade, considerada em sentido cristão. A amizade será, de facto, o tema central do seu apostolado. Hoje, toda a sua actividade tem que ser interpretada à luz deste valor vivido constante e concretamente.

3. A EXPLORAÇÃO DO MUNDO CHINÊS

Martini partiu de Lisboa no final de Março de 1640, aos 26 anos, pouco depois da sua consagração sacerdotal em Roma. Foi uma travessia árdua – como

nos dá conta no seu diário – que parece tirada dum romance. Quase seis meses depois, Martini chegou por fim a Goa, que era o natural porto de chegada das expedições com destino ao Oriente. Faltando os navios para a prossecução da sua viagem, só partiu um ano depois, isto é, em Dezembro de 1641.[25]

Chegou a Surate (ca. 240 quilómetros ao norte de Bombaim) num navio inglês, prosseguindo, em seguida, noutro navio inglês para Samatra, até ferrar em Bantam, o porto da Java Maior.

À sua chegada a Jacarta foi detido pelos holandeses, tendo apenas conseguido chegar a Macau em Agosto de 1642.

Em 1643, em traje de militar e em companhia do vice-provincial, Pe. Giulio Aleni, e do Pe. Simão da Cunha,[26] Martini deu à vela para a China, onde desembarcou, provavelmente em Fevereiro ou Março do mesmo ano.

O seu destino era Hangzhou – na província de Zhejiang –, que já naquele tempo era a capital da indústria da seda, "città eccezionale, la cui rinomanza ha superato i confini della Cina". Marco Polo elogiava-a frequentemente: "al mondo non vi è altra città che offra simili delizie, tanto che si potrebbe credere di essere in paradiso".[27] Aqui Martini teve que exercer a função de pároco.

Para não cair em mais perigos, ele escolheu a via interior, navegando sobretudo por rios e canais. Chegou a Nanxiong via Cantão, atravessando, logo a seguir, a passagem de Meiling, até chegar, seguindo alguns rios e atravessando muitos lagos, à boca do Grande Canal e a Hangzhou.

Antes de chegar à sua nova residência, Martini permaneceu durante alguns meses em Xangai junto do confrade Francesco Brancati, aplicando-se ao estudo da língua chinesa. Foi durante esta estadia que decidiu adoptar o apelido chinês *Wei* e o nome *Kuangguo*, isto é, O Salvador do País, e um segundo nome, *Jitai*, que significa *ajudar*, *assistir*, e cuja pronúncia chinesa lembra a de *Xitai*, isto é, do Extremo Ocidente, que era o nome que tinha sido escolhido por Matteo Ricci.

Havia uma guerra civil entre a dinastia Ming e a dinastia Qing, que Martini viveu pessoalmente e que contará em seguida na sua *De Bello Tartarico Historia*.

Em Outubro de 1643, Martini chegou a Hangzhou, tendo, já em Fevereiro de 1644, que se sair da cidade para ir a Suzhou. Um mês depois, recebeu a ordem de se dirigir para Nanquim para substituir o Pe. Francesco Sambiasi. Aqui, recebeu a notícia da morte do imperador Ming, Zhou Youjian, e da queda de Pequim às mãos dos manchus.

Convocado pelo vice-provincial, Martini chegou a Hangzhou em Julho de 1644. Em Agosto de 1645, os manchus chegaram a Hangzhou, e, entrando nela, ocuparam-na depois duma batalha que o próprio Martini descreveu provavelmente escondido em algum lugar ali perto.

Em Agosto de 1645, foi enviado para a província de Fujian, onde o imperador Ming Longwu, que se tinha escondido durante algum tempo, pretendia que Martini pusesse à sua disposição os seus conhecimentos científico-militares, pelo que outorgou ao nosso missionário o cargo de Grande Funcionário da Pólvora.

Em 1648, Martini regressou a Hangzhou, onde ficou até 1650. Nestes anos, teve ocasião de conhecer alguns expoentes de alto nível do exército invasor, os quais o convenceram da sua enorme eficiência e da inevitável liquidação da dinastia Ming, que evidenciava, sem esperança, uma certa resistência nas províncias meridionais do império. Em 1650, ele viajou pelo Canal Imperial até Pequim para pedir licença para poder permanecer nesta cidade, mas a sua tentativa não teve êxito. Ficou na capital provavelmente desde o mês de Março até ao de Abril de 1650. Aqui firmou acordos e colheu informações junto dos seus confrades, entre os quais se distinguia, por prestígio e ciência, o Pe. Adam Schall von Bell (1592-1666), de quem tomou em seguida a defesa em Roma; visitou a Grande Muralha e daqui regressou à sua paróquia, onde despachou os trabalhos para a construção da sé.

Segundo Giorgio Melis, cujas cuidadosas reconstruções temos referido, as deslocações do Jesuíta no interior da China pertencem ao itinerário ordinário da época, pelo que a expressão "ho percorso gran parte della Cina", empregada pelo próprio Martini, pode ser explicada à luz do estilo adoptado. O que escreve Martini na passagem conclusiva da sua introdução (*Ad lectorem præfatio*) do *Atlas* goza de mais consideração: "mi sono recato in sette provincie".[28]

Em virtude da sua cultura científica, exactamente quando "il mondo erudito dell'epoca si interessava assai vivamente alle matematiche e alle scienze naturali",[29] conseguiu entabular, duma maneira extraordinária, relações sociais com algumas personalidades importantes da época, que foram capazes de lhe fornecer um vasto volume de informações sobre as

etapas do avanço tartárico e a sua consistência, sobre as dimensões geográficas e as estruturas sociais do país, sobre a antiga história da China. Tudo isto foi referido nas obras supracitadas.

Por um encadeamento de circunstâncias singulares, entre o final de 1650 e o começo de 1651, foram enviados da China para Roma dois procuradores, a saber: Martinho Martini e Michele Boym.[30] A natureza da missão dos dois era absolutamente diferente: o Pe. Boym queria conquistar simpatias na Europa a favor da dinastia Ming, enquanto que para Martini era evidente a impossibilidade duma restauração. Os jesuítas, tendo de facto experimentado a tolerância dos Qing manchus para com eles, tencionavam tirar fruto da aproximação que tinham encetado com o novo governo.

As razões do regresso de Martini talvez tenham que ser procuradas também na vontade do vice-provincial Dias e na do visitador Furtado[31] de o compensar por não lhe ter sido dada licença para permanecer em Pequim, e, isto, provavelmente por sugestão do nosso próprio cientista, que estava desejoso de publicar o abundante material informativo que havia recolhido. Tudo isto foi por certo decidido, a toda a pressa, por causa da oposição portuguesa a uma viagem sua via Manila que, pelos oceanos, o teria conduzido até Cádis, em Espanha. Foi assim que Martini partiu quase às escondidas, em Janeiro de 1651.

4. A DEMORA EUROPEIA (1653-1657)

Martini deu à vela de Amoim para as Filipinas e aqui ficou durante cerca de um ano à espera de navio. Aproveitou esta circunstância para reordenar, de maneira sistemática, todo o material histórico e geográfico acumulado na China, bem como para continuar a redacção já iniciada.[32] Chegou à Indonésia, a Macáçar; daqui foi para Batávia, onde foi detido pelos holandeses durante quase oito meses; finalmente zarpou para a Europa num navio holandês.

Quando desembarcou em Amesterdão, em 1653, trazia consigo 50 livros chineses. Conseguiu mandar imprimir as suas obras junto de alguns tipógrafos holandeses, belgas e bávaros. Em Bruxelas, encontrou então o arquiduque Leopoldo Guilherme da Áustria, a quem dedicou o *Novus Atlas Sinensis*, pelo que obteve assim uma renda anual de cem ducados napolitanos.

À sua chegada a Jacarta foi detido pelos holandeses, tendo apenas conseguido chegar a Macau em Agosto de 1642. Em 1643, em traje de militar e em companhia do vice-provincial, Pe. Giulio Aleni, e do Pe. Simão da Cunha, Martini deu à vela para a China, onde desembarcou, provavelmente, em Fevereiro ou Março do mesmo ano.

Chegou por fim a Roma em Novembro, ou, provavelmente, em Dezembro de 1654, onde, para além de mandar publicar a *Brevis Relatio (...)* por De Lazzery, cumpriu a sua tarefa principal em que todos nutriam certa esperança, isto é, sublinhar ao pontífice, ao Santo Ofício e à Congregação da *Propaganda Fide* a necessidade de corrigir as precedentes decisões (1645) que condenavam os ritos chineses da genuflexão e da prostração em frente dos simulacros dos antepassados e de Confúcio. Segundo a opinião dominante entre os missionários jesuítas, tratavam-se de ritos civis e não-religiosos, e, por isso, não-supersticiosos, sendo tolerados enquanto fosse caso para isso.

Estava à sua espera Alexandre VII (1655-1667), isto é, Fabio Chigi, nascido em Sena em 1599 duma família de banqueiros.[33] Crescido na Cúria Romana, tinha exercido, durante vinte anos, as funções de núncio apostólico na Alemanha, em especial em Colónia, Munster e Aachen, onde tinha tido a possibilidade de se adestrar, da melhor maneira, na arte diplomática. O conflito entre as aspirações hegemónicas da monarquia francesa, em contraste com a Espanha e o Império, viu-o empenhado na procura dum difícil equilíbrio entre as potências europeias. Em harmonia com a Companhia de Jesus, manteve uma posição firmemente anti-jansenista, mas também severa em relação à propensão para a degeneração do probabilismo

tendente ao laxismo. Apesar do seu carácter rígido, foi bastante favorável às pias devoções, entre as quais teve uma predilecção pela "Filotea" de S. Francisco de Sales, que beatificou em 1661 e canonizou cinco anos depois.

Os contrastes de natureza doutrinal e política que agitavam o catolicismo europeu repercutiam-se no Extremo Oriente, donde a Questão dos Ritos chineses em relação aos antepassados e ao filósofo Confúcio tinha atingido a atenção da Santa Sé, desde a difusão do pensamento e do método de Matteo Ricci por Nicolas Trigault. Entretanto, informações sobre o aumento súbito do número de cristãos na China suscitam acusações de que estariam a ser feitas conversões pelo método jesuítico da aceitação de obséquios supersticiosos intoleráveis pela ortodoxia (como a professada sobretudo pelos padres dominicanos). É por isso que Martini recebeu a ordem urgente de ir a Roma[34] para expor directamente observações contrárias às acusações avançadas dez anos antes. Ele procurava defender a tese da adaptação, sobretudo pela publicação das suas obras histórico-geográficas. Em Roma encontrou um ambiente muito disposto a acolher a sua interpretação. Alexandre VII podia ser visto como o defensor de uma visão pragmática e universalista da Igreja, que necessitava de compensações depois das humilhações sofridas em consequência do Tratado de Vestefália (1648), onde ele próprio tinha desempenhado o cargo de núncio. Também bastante recente era a condenação das cinco proposições do *Augustinus* de Jansen (1655) e a consequente polémica entre os jesuítas e os dominicanos, entre os fautores da tolerância e os fautores do rigor. Não deve ter custado muito a Martino Martini – agora bem armado de documentação recolhida *in situ* – fazer triunfar em Roma a tese da adaptação aos ritos chineses, o que lhe valeu, pelo contrário, a crescente e áspera hostilidade dos fautores do rigorismo, isto é, dos tucioristas.

"Con tanta fretta per il desiderio di quanto prima arrivare alla mia amata Cina e di soccorrere a quei miseri popoli", como ele próprio escreve numa carta dirigida ao cardeal Francesco Barberini, o Pe. Martini partiu de Roma a 11 de Janeiro de 1656. Em Génova embarcou para Espanha junto com nove confrades. Depois de seis dias de navegação, e já com a costa espanhola à vista, o navio em que iam foi assaltado por um barco pirata comandado por um corsário francês.

Como escreve o próprio Martini, "non avendo li francesi ne pur rispetto o riverenza alcuna agli ordini sacri", aqueles piratas despojaram-nos de todos os seus bens, bem como da roupa, pelo que foram obrigados a regressar a Génova. É durante o tempo em que está à espera doutro navio que lhe permita tentar outra vez a partida para a China que, a 26 de Fevereiro, Martini escreve uma carta[35] para pedir que lhe enviem "le valutazioni de dubii da me proposti", além de uma ajuda material que consistisse, pelo menos, no estritamente necessário para poder prosseguir a sua viagem.

Chegado a Lisboa, permaneceu na capital portuguesa durante um ano por não ter recebido a tempo o texto do decreto pontifício de 23 de Março de 1656. Partiu para a sua paróquia chinesa a 4 de Abril de 1657. Empreender uma viagem para a China por motivos religiosos, parece hoje em dia, devido a todos os perigos que isso comportava, algo mais do que os prazeres da aventura, sobretudo se uma viagem tão difícil era empreendida pela segunda vez. Nós diríamos, verdadeiramente, que a têmpera moral de missionários tão generosos é exactamente o avesso, a antítese, do manzoniano D. Abbondio, que vivia na Lombardia enquanto se espalhava a grande peste, 1633, de que tinha falecido, em Trento, também o pai de Martino Martini.

No *Brevis Relatio (...),* tinha escrito que os jesuítas entrados na China até então eram sessenta; mas hoje afirma-se com certeza que os jesuítas que tinham partido para a China antes da supressão da Ordem (1773) deviam ser mais de mil. Neste entretanto (1614-1691), no Japão, milhares de cristãos sofriam uma sanguinária perseguição, o que todavia não desanimou os missionários.

Junto com ele viajaram dois missionários de grande talento, a saber: o siciliano Prospero Intorcetta (W1696) e o belga Ferdinand Verbiest (W 1688). O primeiro divulgou as obras de Confúcio no Ocidente,[36] enquanto o segundo dirigiu o Observatório Astronómico de Pequim.[37] Verbiest expôs as dramáticas vicissitudes da sua viagem num relatório pormenorizado em que descreve "la forte personalità del Martini, la sua abilità e immaginazione, la sua audacia e generosità, le sue vampate d'ira e la sua propensione a vedere tutto come un'esperienza elettrizzante per i missionari novizi".[38] Não é por acaso que Martini foi alcunhado "o almirante".

Depois da normal escala em Goa, a 30 de Janeiro de 1658, ele retomou a sua viagem por mar, chegando a Macau a 17 de Julho. Daqui escreveu, informando que os tártaros tinham concluído a ocupação da China, soçobrando quase por inteiro toda resistência.[39]

Martini sobreviveu na China durante dois anos; consolidou as bases da sua missão; estreitou os vínculos de amizade contraídos durante a sua precedente demora; baptizou centenas de neófitos. Morreu por causa duma terapia errada a 6 de Junho de 1661. O seu corpo ficou incorrupto durante cinquenta anos, sendo depois causa de controvérsias entre os cristãos e os budistas acerca da pretensão de o conservar.[40] É emblemático o que escreve a este respeito o médico Zhu Shi que tinha estreitado amizade com ele em Lanqi, durante o conflito tartárico: "ha maniere eccezionali: è grande nella persona, di animo illuminato e splendidamente caritatevole. A guardarlo sembra un angelo. È quel che si dice un uomo perfetto".[41] As palavras do literato Xu Erjue, neto do famoso mandarim Xu Guangqi, que tinha apresentado Matteo Ricci à corte imperial, não são menos significativas. Ele apresenta Martino Martini da seguinte maneira: "Nella sua grande virtù e saggezza egli illustra e spiega in maniera semplice e dettagliata. La sua mente è limpida come uno specchio, i suoi sentimenti giusti come una bilancia. È limpida e così vede chiaramente ciò che è bene e ciò che è male; è giusta e così non pensa a sé quando deve dare un giudizio. Stringe amicizia con la mentalità di chi ama gli altri come se

stesso e che fa sì che i buoni diffondano a lungo la loro benefica influenza ed i cattivi si correggano. Il signore oggi è morto (6 giugno 1661), ma questo suo *Trattato sull'Amicizia* è un'opera che sfiderà imperitura i secoli".[42]

5. A INFLUÊNCIAS DE MARTINI SOBRE A CULTURA ORIENTAL DOS EUROPEUS

O interesse pela China na cultura europeia aumentou rapidamente desde meados do século XVI até ao início do século XVIII. De 132 obras registadas por Harmut Walravens na sua obra *China Illustrata* (1987), e aparecidas durante aqueles 150 anos, 18 são anteriores a 1600; 24 são anteriores a 1654, isto é, quando começaram as publicações de Martini, enquanto que, até 1659, duas são suas contemporâneas. Desde então, e até ao final do século XVII, as obras são 80. Desde que Martini aparece no mercado até ao momento em que Gottfried Leibnitz publica *Novissima Sinica* (1697), durante quarenta anos, os estudos sobre a China registadas pelo dito catálogo são, fazendo as contas, o dobro a respeito dos cem anos precedentes.

É em consideração às suas obras que a Martino Martini tem que ser reconhecido o considerável mérito de ter levantado alguns problemas de grande importância. Sem dúvida, um mérito histórico: através da *Sinicæ Historiæ Decas Prima* colocou quesitos de alguma importância, soçobrando a cultura histórica europeia e obrigando os estudiosos a uma revisão radical dos princípios que guiavam as opiniões dominantes acerca das origens do género humano e da data do Dilúvio Universal, bem como os critérios em que se baseava a historiografia da época.[43]

As obras de Martini provocaram a crise da reconstrução rigorosa dos acontecimentos históricos promovida naqueles anos. Se o que ele escrevia era verdadeiro, isto é, como exprime o Decreto de 1656, "si vera sunt quæ narrantur", apresentava-se logo toda uma série de dúvidas. A mensagem da Bíblia e, por consequência, a Redenção, diziam então só respeito ao povo hebraico e aos descendentes de Noé? Além disto, os que tinham vivido antes do Dilúvio tinham que ser considerados livres do Pecado Original? E mais, tinha sido o Dilúvio, propriamente *universal*? Os quesitos que nasciam de seguida e as respostas a concertar eram de grande importância. Martini estava ciente de tudo isto, bem como do que naquele período era opinião geral na Europa; contudo, decidiu não se fechar completamente em si, entre as paredes duma interpretação até então indiscutível, sem por isto excogitar outras hipóteses. Seguindo um sério critério de objectividade historiográfica, preferiu, mais duma vez, não tomar uma posição precisa, o que é testemunhado pela frequência de cláusulas dubitativas (*forse*) e pelo emprego do tempo condicional dos verbos. Pela primeira vez na história, limitou-se a oferecer aos europeus, e como problemática discutível, uma historiografia de origem oriental anterior a Noé.

A orientação fundamental, que animou e explica o sentido missionário da sua actividade, foi a fidelidade a uma atitude dialógica que transmite, mas que ao mesmo tempo aprende: é o que a autoridade eclesiástica tem recomendado cuidadosamente na encíclica *Redemptoris Missio* (Dezembro de 1991). A *Sinicæ Historiæ Decas Prima* reveste-se de um valor de importância basilar, como desde então "gli storici europei che scrivevano la storia del mondo, dovettero prendere in considerazione la storiografia cinese".[44]

Outro incontestável mérito martiniano é o geográfico. O *Novus Atlas Sinensis* (17 cartas geográficas e 170 páginas de comentário) é considerado um primor pela riqueza das suas informações e a perfeição do seu método cartográfico; este é o juízo não só dos europeus que durante quase um século o adoptaram, mas também o de alguns especialistas chineses.[45]

Segundo o historiador italiano Sergio Zoli, estas duas obras de Martini têm posto as premissas decisivas "per il passaggio da un'angusta concezione medievale ad una visione moderna e planetaria del ruolo del genere umano nello spazio e nel tempo".[46]

Outro mérito martiniano consiste em ter descrito na sua *De Bello Tartarico Historia* a passagem da dinastia Ming à dinastia Qing. Muito tem sido escrito como comentário a esta obra na Europa, onde foi publicada e difundida com admirada surpresa, reveladora de acontecimentos contemporâneos grandiosos e misteriosos. Os estudiosos chineses,[47] pelo seu lado, julgam esta obra de Martini indispensável e fundamental pelo conhecimento dos acontecimentos da época. Pela nossa parte, ela necessitaria duma verificação no que diz respeito às centenas de milhares de mortes ocorridas naquelas batalhas. Serão estas cifras atendíveis? Considerando que na China se praticava a inumação e não a cremação, teríamos que crer na existência de cemitérios imensos.

Igual relevo tem que ser dado à primeira gramática chinesa em latim preparada por Martini e que ele próprio deu ao cientista Jacob Golius,[48] que visitou em Amesterdão. Vale a pena referir a impressão que o célebre arabista teve do "intelligentissimus Martinius": "All'inizio dell'estate scorsa, quando si è diffusa la notizia che con le nostre navi era giunto dall'India orientale ed era sbarcato qui un uomo di vasta cultura che, durante la sua lunga permanenza in Cina aveva acquisito delle conoscenze straordinarie, da nessun altro possedute, sono stato preso dal grande desiderio di vederlo e di parlargli. Mi ha accolto con molta cortesia e, dopo aver scambiato poche parole, ho capito che la fama, di cui egli godeva per le sue straordinarie doti non era affatto vana o fallace". A dita gramática foi difundida entre os estudiosos da Europa setentrional (é possível encontrar algumas cópias em Inglaterra e em terra polaca).

À sua chegada a Roma, apresentou às autoridades do Vaticano o seu opúsculo *Brevis relatio de numero et qualitate Christianorum apud Sinas*, com o óbvio fim de informar as ditas autoridades acerca da situação dos 150.000 católicos chineses, da sua deslocação e do seu comportamento. O dito opúsculo contém também o elenco das obras publicadas na China, bem como o rol dos 73 missionários que nelas trabalharam.[49] Uma verdadeira novidade é representada pela recente tradução italiana do *Trattato sull'Amicizia* de Martino Martini. A dita obra tem sido conservada e reimpressa na China, mas uma sua recente tradução ocidental deve-se ao Professor Giuliano Bertuccioli. Pela nossa chave de leitura,[50] no *Trattato* têm que ser distinguidas duas partes: a primeira representa a tentativa duma exposição sistemática do assunto, enquanto a segunda tem que ser considerada uma deprecação das condições deploráveis da sociedade da época que ele tinha experimentado em pessoa, pelo menos quando os piratas o despojaram dos seus bens.[51] Mediante este tratado o Jesuíta conseguiu ilustrar, de forma didáctica, a mensagem cristã e, especificadamente, o tema da graça santificante, isto é, da amizade com Deus.

A sua metodologia missionária estava bem longe da duma série de aparições espectaculares a que tinha recorrido S. Francisco Xavier cem anos antes dele. Um século de experiências tinha consolidado a validade do método cauto e prudente da adequação inaugurado por Alessandro Valignano e Michele Ruggeri, em Macau, e adoptado com decisão por Matteo Ricci. É por isso que o *Trattato* pode ser considerado uma traça de instrução catecumenal, uma preparação à doutrina cristã conforme com a praxe prudente e gradual seguida pela Companhia de Jesus. O método dos jesuítas tinha sido elaborado segundo as directrizes da "ratio studiorum" do Colégio Romano, que se pode considerar uma pedagogia cujo fundo de carácter lógico-formal resultou ser muito eficaz junto das pessoas cultas.[52]

Este tratado pode ser também considerado uma tentativa de projecção para o futuro. Entre os intelectuais de formação confuciana,[53] Martini tinha encontrado uma abertura a favor do cristianismo, superior a toda expectativa: eles tinham-se revelado bastante próximos, pois provinham duma base reflexiva de estudos semelhante à ocidental. Mais difícil parecia-lhe a promoção da religião cristã entre o povo, agora influenciado pelas superstições de origem tauista e budista.

Já as controvérsias do final do século XVII tinham produzido um ataque bastante pessoal à personagem Martini – como o do dominicano J. H. Serry no quadro da disputa geral contra os jesuítas,[54] o que determinou um esquecimento da sua figura e da sua obra, que durou dois séculos e meio.

O decreto de 1656 de facto não pôs fim à disputa sobre os ritos: os adversários não se renderam. No mesmo ano da morte de Martini, o missionário dominicano Antonio de S. Maria Caballero escreveu um memorial que continha as razões adversas dos missionários das Ordens mendicantes.

Quinze anos depois do falecimento de Martini (1676), Domingo de Navarrete,[55] ainda que tivesse partilhado com os jesuítas a experiência do cativeiro e, naquela ocasião, chegado a uma certa afinidade com eles, publicou em Madrid os *Tratados historicos*, *politicos*, *eticos y religiosos de la monarchia de China*, um duro requisitório em que foi incluído também o memorial do jesuíta Nicolò Longobardo (1565-1655), antigo superior provincial da China, com as suas perplexidades e as suas críticas para com o método adoptado.

Mediante o decreto de 1669, o Santo Ofício declarou válido "per le circostanze rispettivamente descritte" o que tinha sido decidido quer em 1645, quer em 1656. Por outras palavras, a Santa Sé reafirmava o pronunciamento de juízos de verdade acerca dos quesitos a ela submetidos, mas que não era seu dever verificar a veracidade dos opostos ("si vera

sunt narrata"). Os jansenistas e os que eram contrários ao probabilismo ético contudo não se contentaram, insistindo assim em manter viva a polémica.

Os historiadores da filosofia Giovanni Reale e Dario Antiseri escrevem que "il periodo di tempo che va pressapoco dalla data di pubblicazione del *De Revolutionibus* di Niccolò Copernico, e cioè dal 1543, all'opera di Isaac Newton, i cui *Philosophiæ Naturalis Principia Mathematica* furono pubblicati per la prima volta nel 1687, si è ormai soliti indicarlo come il periodo della "rivoluzione scientifica". Si tratta di un possente movimento di idee che avrà la sua espressione ormai classica nell'immagine newtoniana dell'universo concepito come una macchina, come un orologio".[56]

É nesta altura que a verificação empírica das melhores hipóteses se vem livrando, com custo, daquelas aproximações fantasiosas que punham em campo tantas informações acríticas à espera de aprofundamento. Um exemplo evidente é representado, neste caso, pelo que tinha acontecido a A. Kircher, que, mediante o estudo dos obeliscos romanos, pensava alcançar a formulação duma língua universal primordial.

Desde que Copérnico, dois anos antes do começo do Concílio de Trento (13 de Dezembro de 1545), tinha publicado a proposta duma teoria heliocêntrica considerada de fundamento bíblico até à formulação da lei da gravitação universal por Newton, tinham decorrido cinquenta anos, durante os quais nos ambientes da alta cultura europeia, a imagem do mundo tinha, sem dúvida, mudado por inteiro. Os próprios historiadores escrevem que "interconnesso con tale mutamento è", porém, "il cambiamento - anch'esso lento, tortuoso, ma decisivo - delle idee sull'*uomo*, sulla *scienza*, sull'*uomo di scienza*, sul *lavoro scientifico* e le *istituzioni scientifiche*, sui *rapporti tra scienza e società*, sulle relazioni tra *scienza e filosofia* e tra *sapere scientifico e fede religiosa*".

É exactamente em 1687 que D. Papin inventa a máquina a vapor. Dois anos antes tinha sido revogado o édito de Nantes, que ordenava a transferência de milhares de huguenotes para a Europa do Norte, onde difundiram aquela cultura francesa que deu à Prússia as estruturas administrativas válidas que a tornaram um estado potente e antagonista. É neste contexto que tem que ser avaliado o cientista e o jesuíta Martino Martini, a quem F. von Richthofen chamou "o pai da geografia da China". Como Walravens revela no seu ensaio *Bibel versus Annalen*,[57] a posição revolucionária de Martini na história comparada não foi todavia menos participativa do que a problemática que naquele tempo agitava todos os intelectuais. Toda a Questão dos Ritos chineses em que Martini exercitou certa função está implicada em tudo isto.

Foi assim que começou o processo de decadência da missão católica na China. Para superar o antagonismo entre a interpretação rigorista dos ritos chineses e a interpretação acomodável professada pelos jesuítas, inseriu-se, mediante a nomeação dos vigários gerais, a política francesa de expansão colonial.

Eles assumiram, todavia, a posição dos rigoristas, contribuindo para alterar a contribuição de Martini, considerado, já por volta do final do século, pouco objectivo e fautor duma visão aberrante do pensamento cristão. A Questão dos Ritos tem sido tratada da dita maneira há só pouco tempo. René Étiemble escreve: "I Gesuiti e gli altri missionari miravano alla conquista spirituale almeno in Cina;...tutti costoro fecero così bene l'elogio del popolo cinese, dei dotti e del sovrano della Cina, che gli occidentali si domandarono perché mai evangelizzare un Paese così ricco, così morale, così ben governato. Invece di cristianizzare l'Impero di Mezzo, le imprese dei missionari contribuirono vigorosamente a scristianizzare l'Europa...".[58] Sergio Zoli tem presente que o próprio Voltaire na sua obra *Il Secolo di Luigi XIV* partilhava o mesmo juízo.[59] Uma revalorização da função informativa própria de Martini é, à luz de tudo isto, uma tarefa dos nossos estudos mais recentes.

D. E. Mungello assim escreve na introdução da sua recente obra:[60] "Nel 1966 lo studioso francese R. Étiemble pubblicò un'opera popolare dal titolo *I Gesuiti in Cina (1552-1773)*, *la Questione dei Riti*, in cui vedeva la controversia come inseparabile dalle più ampie espressioni dell'imperialismo europeo e della mentalità europea orientale a considerare la Cina culturalmente inferiore. Dal suo punto di vista il culmine della controversia dei riti non era derivato dalle disposizioni papali dell'*Ex illa die* (1715) e *Ex quo singulari* (1742) che concludevano in opposizione ai riti cinesi, ma piuttosto dal *Dominus ac Redemptor* (1773) con cui il papa Clemente XIV sciolse la Compagnia di Gesù. Étiemble vide le potenze dominanti d'Europa in opposizione non soltanto all'interpretazione gesuitica dei riti cinesi, ma all'intero approccio dei Gesuiti che trattavano la civiltà cinese con un riguardo troppo

analogo all'europea. Egli condivise la scelta dei Gesuiti che in maggioranza sostenevano che "o Roma accetterà senza riserve i riti cinesi o sarà necessario lasciare la Cina". Roma non accolse i riti cinesi e così perse la Cina. Étiemble riferisce che la missione di Macartney alla corte dell'imperatore Qianlong sostituiva al punto di vista dei Gesuiti quello dei mercanti". Foi assim que se perdeu a memória de Martini e a da sua apologia da civilização chinesa em proveito dos mercadores europeus, que a desvalorizaram.

A. Huonder[61] atribui a responsabilidade do ocaso da missão chinesa da época moderna às decisões sobre os ritos tomadas em Roma no século XVII e às polémicas das Ordens mendicantes e dos missionários de Paris. Giacomo Martina é da mesma opinião, escrevendo que: "La polemica sui riti e la decisione del 1742 ebbero funeste conseguenze non solo in Oriente, dove i contrasti tra i missionari prima, l'ostilità imperiale poi, finirono per paralizzare e quasi annientare le fiorenti missioni della Cina, ma anche in Occidente, aumentando i dissensi fra i cattolici, proprio quando più forte si sferrava l'assalto del razionalismo illuministico e aggravando il clima di sfiducia verso la Compagnia di Gesù, con danno del suo apostolato".[62]

Severino Vareschi, pela sua parte, reconhece a estas interpretações uma validade de fundo, mas, ao mesmo tempo, aconselha a ter presente, na avaliação da disputa, também a função exercitada pelas instituições de que os missionários dependiam: por um lado, a Congregação da *Propaganda Fide*, o Padroado Português, os Jesuítas e o Santo Ofício, e, por outro, os vigários apostólicos, os missionários de Paris e o envolvimento de interesses nacionalistas, o que se associa, a seu aviso, "ad una serie di discussioni teoriche e pratiche, che si contrapponevano e vedevano l'un contro l'altro armati i diversi ordini religiosi: da quelli

sulla grazia a quelle sui sistemi morali, da quelle mariologiche a quelle appunto missiologiche".[63]

A poderosa contribuição de Martini para um conhecimento objectivo e respeitoso da China tem sido considerada em sentido anticristão, quer pelos libertinos, quer pelos iluministas, até provocar a clausura da sua memória pelos mais acérrimos defensores europeus da fé, bem como pelos obstinados adversários da Companhia de Jesus, a que pertencia Martini:[64] por consequência, a obra martiniana já não foi utilizada a partir do século XVII.

6. A RECENTE RECUPERAÇÃO DA FIGURA E DA OBRA DO MISSIONÁRIO TRENTINO

É só pouco depois da Segunda Guerra Mundial que começa finalmente, como ilustra Mungello, uma revalorização da função e do método dos Jesuítas na China, em que se torna concreta uma recuperação da figura e da obra do nosso missionário-cientista.

No final da década de 70 do século XX, ele foi resgatado, por mérito de Sergio Zoli e do Pe. Bonifacio Bolognani, por duas publicações quase contemporâneas.

No Convénio de Estudos que teve lugar em Santa Margherita Ligure em Maio de 1977,[65] Sergio Zoli apresentou um ensaio sobre *La Cina nella cultura europea del Seicento*. Em 78 páginas a Questão dos Ritos é tratada com competência e amplidão de altíssimo relevo. Neste estudo, a figura de Martini ocupa aquele lugar central que merece em consideração à amplidão das "notizie allarmanti e informazioni sconvolgenti"[66] que ele tinha distribuído por meados do século XVII. Zoli não se limitou a registar quão "rapida fu la diffusione e grande il clamore" que aquelas informações receberam, confirmando, mediante um exame directo, o juízo de imparcialidade,[67] de seriedade e de rigor da narração martiniana[68] que tinha sido contestada com êxito, ainda que tivesse fornecido o texto-base dos discursos sobre a China dos anos das publicações (1654-1659) até à importante obra do jesuíta belga[69] Jean Baptiste de Halde (1674-1743), *Transcription de la Chine et de la Tartarie Chinoise*, publicada em 1735 (Haia) e logo traduzida do francês para o inglês, o alemão e o russo.

Zoli aponta com exactidão a tese martiniana da possível relação entre o Dilúvio bíblico de Noé e as suas ramificações chinesas,[70] registando a surpreendente distância de seiscentos anos (ca. 3000 a.C.-2350 a.C.) que tinha provocado uma controvérsia acerca da veracidade histórica do texto bíblico. Dela aproveitou a corrente dos *libertinos*, isto é, dos protoiluministas da época, o que resultou, em seguida, ser bastante contraproducente no que diz respeito às intenções do nosso missionário precursor. A seu aviso "la Cina diviene uno dei capitoli essenziali della nuova prospettiva razionalista che si viene costruendo nel Seicento".[71]

O holandês Isaac Vossius[72] já em 1659 abraça com entusiasmo as informações de Martini, divulga-as e transmite-as em Inglaterra mediante a obra *Dissertatio de vera ætate mundi*; mas, em 1687, de Londres, Pierre Alix, um protestante que deseja conciliar a cronologia bíblica e a chinesa, abraça aquela crítica apertada às notícias de Martini, que tenciona "relegarle nel sopramondo del favoloso",[73] uma crítica que, como toda a gente sabe, teve êxito.

Por outro lado, as obras de Martini encontraram um acolhimento favorável junto do seu importante mestre romano Athanasius Kircher, que se aproveitou delas na obra *La Chine*, editada em Amesterdão em 1670, e, provavelmente, também no anexo Dicionário chinês-francês.[74] A crónica da guerra tartárica composta por Martini e publicada em Amesterdão em 1654 teve um enorme renome, como provam as suas 21 edições, em nove línguas, publicadas até 1704.[75]

A mitificação do Celeste Império recebeu graças a Martini uma contribuição imprevisível, mas sem dúvida determinante, de que o Pe. Daniello Bartoli[76] foi um fecundo divulgador.

O modo como a ideia leibniziana da China influenciou, em seguida, o pensamento iluminista do século XVIII francês tem sido amplamente ilustrada por Sergio Zoli.[77] Ele faz emergir oportunamente, da função assumida entre os dois séculos pelo célebre filósofo e sinólogo Gottfried Leibnitz (1646-1716), um ponto de chegada.

Enquanto as obras mais conhecidas sobre a China que circulavam na Europa, isto é, as de Mendoza, Trigault e Semedo – como escreve Zoli – "non offrivano dati e informazioni sicuri e circostanziati",[78] as de Martini podiam apresentar algumas garantias – a que hoje chamaríamos científicas –, acerca das quais se podia desenvolver uma reflexão teológica e metafísica estranha aos debates de inspiração contingente e pessoal, uma reflexão que podia preparar um progresso

de conhecimento e de consciência religiosa e civil. Deste gigantesco passo em frente, Leibnitz é o fundamento. A seu aviso "l'idealizzazione della civiltà cinese...finisce per diventare una grande utopia di pacificazione e di tolleranza universale".[79]

Martini tem que ser considerado "un apostolo d'eccezione della causa dei Gesuiti in Oriente" e, por esta razão, do seu método de inculturação acomodante. A repercussão do seu pensamento será relevada mais de cem anos depois, pela condenação pronunciada pela Sorbonne em 1700 e pelo retrocesso da Santa Sé, influenciada pelos expoentes das Missões Estrangeiras de Paris, quem os opositores mais consideravam.

Contemporâneas do Convénio de S. Margherita Ligure são duas empresas culturais de notável importância que tiveram lugar na Itália, a saber: o estabelecimento, em Milão, do Instituto Ítalo-Chinês para os Intercâmbios Cultural e Económico e a obra histórica do franciscano Pe. Bonifacio Bolognani, em Trento. Em 1978, publica a sua primeira biografia sobre Martini, intitulada *L'Europa scopre il volto della Cina*, que suscita finalmente, no ambiente italiano e, sobretudo, no tridentino, a atenção que o ilustre protagonista merece. É curioso que, como admite o próprio Bolognani, o interesse por Martini tenha nascido nele quase por acaso durante uma sua investigação sobre o Pe. Eusebio Chini,[80] o missionário que explorou a Califórnia e que se declarava primo de Martini. Nos arquivos romanos, o estudioso recolheu muito material inédito (cartas, diários, decretos), até então inexplorado. A obra de Bolognani, logo percebida como verdadeiramente "affascinante", foi depois assumida como referência fundamental tendo em vista a Sessão de Estudo de carácter internacional, centrada na figura e na obra de Martino Martini, que teve lugar em Trento em Outubro de 1981, por iniciativa da Administração Provincial.[81]

Foi um Convénio importante – presidido pelo Professor Luciano Petch, membro da *Accademia Nazionale dei Lincei* – que teve a participação de 18 conferencistas provenientes de universidades italianas, alemãs e chinesas. Naquela ocasião, tomou-se oficialmente posição a favor duma completa redescoberta do Jesuíta tridentino, "sottraendo la sua memoria al silenzio nel quale, dopo le lunghe glorie secentesche, era caduta".[82] Os relatórios apresentados e as Actas publicadas em 1983 apresentavam Martini na qualidade de geógrafo, de historiador, de homem de acção. As suas obras foram analisadas de diferentes ângulos; foram avançadas as primeiras hipóteses, bem como os primeiros modelos interpretativos.

Lembremo-nos só, rapidamente, do estudo pontual apresentado por Giorgio Melis acerca das viagens fluviais de Martini na China[83] e da contribuição de Piero Corradini, que, mediante o exame da *De Bello Tartarico Historia*, evidenciou o valor duma interpretação ocidental das lutas internas chinesas; o de Carlo Ghisalberti, que leu os escritos de Martini à luz da sua formação intelectual. Original foi a apresentação de Martini sugerida por Maria Rosa De Simone por ocasião do Convénio de 1981: "La sostanziale e incrollabile fedeltà all'ortodossia, la profonda cultura umanistica che emerge dai suoi scritti, la penetrante capacità investigativa nelle materie scientifiche testimoniata dalle sue opere geografiche, la duttile capacità di adattamento agli usi e costumi cinesi, la fiducia in se stesso e la sicurezza psicologica nell'affrontare disagi e pericoli, fanno di Martino Martini uno dei più caratteristici risultati dell'educazione impartita al Collegio Romano".

Historicamente relevante foi então a contribuição de Joseph Sebes,[84] que, mediante alguns documentos originais, reconstruiu a função de Martini no âmbito da controvérsia dos ritos, e a de Ma Yong,[85] que demoliu a tese pela qual o *Atlas* seria ou uma tradução integral, ou um compêndio de um qualquer livro chinês de assunto geográfico. A obra, como afirma o relator, baseia-se, sem dúvida, nas histórias chinesas locais; mas Martini decerto controlou e estudou mais material. As fontes utilizadas para as várias províncias levam, de facto, datas diferentes. Além disto, o que prova o estudo pessoal empreendido por Ma Yong, Martini incorre em alguns erros de leitura dos ideogramas chineses e da fonetização de alguns topónimos segundo a pronúncia dialectal da província de Zhejiang; contudo, segundo Ma Yong, não é aceitável a ideia de que o *Atlas* deriva do *Guang Yu Ji* ou do *Guang Yi Tu*. Diferente do *Novus Atlas Sinensis*, a primeira obra tem, de facto, falta de cartas geográficas, não tendo nada em comum com o *Atlas* no que diz respeito à parte descritiva. Provavelmente Martini consultou a segunda, apesar de não ter sido a sua fonte principal. O método cartográfico então em uso e empregue por Luo Hongxian é o chinês tradicional, que consistia em "quadrettare le distanze", enquanto Martini empregou o método cartográfico europeu da época, baseado na

longitude e na latitude. Disto resulta que as bases das duas obras são demasiado distantes.[86]

Em 1983, durante um Convénio organizado em Caltagirone, foram celebrados os padres jesuítas Francesco Brancati, Nicolò Longobardo, Ludovico Buglio e Prospero Intorcetta. As contribuições foram publicadas no livro *Scienziati siciliani gesuiti in Cina nel secolo XVII*.[87] Na década de 80, em Hangzhou, foi reconstituída a organização diocesana sob os auspícios do Bispo Zhu Feng Qinq, que é reconhecido quer pelo Governo, quer pela Santa Sé. O sepulcro de Martini foi então restaurado e munido dum portal monumental: já começaram as peregrinações da Itália para a China.

O 350° aniversário da entrada de Martini na China (1993) foi vivido em Trento com muita participação, mostrando quer o interesse, quer a vontade de haver a outro Convénio que desse uma resposta às questões que tinham ficado em suspenso depois do Simpósio de 1981 e que fizesse o ponto de ordem dos diferentes avanços dados. Análogo estado de alma difundia-se em Hangzhou, onde o estudioso Chen Cunfu dava à estampa uma colectânea sobre os missionários do século XVII. Figuram nela, por mão de autores italianos e chineses, além da revocação de Martini, alguns ensaios sobre Giulio Aleni, Prospero Intorcetta e Adam Schall von Bell.[88]

O objectivo foi então alcançado quando, em 1994 (5-6-7 de Abril), Martino Martini se tornou objecto dum Convénio Internacional de Estudos organizado por iniciativa da Academia de Ciências Sociais de Pequim que o acolheu, da Academia Chinesa de Cultura Internacional de Beijing, do Instituto Ítalo-Chinês de Milão e da Universidade dos Estudos de Trento.[89] As intervenções neste Simpósio foram de alto nível: alguns dos relatores tinham participado também no primeiro Convénio, enquanto outros tratavam a temática pela primeira vez. A participação dos estudiosos chineses, cerca de catorze, foi mais numerosa do que em 1981. Os dezoito relatores ocidentais foram guiados por Renzo Leonardi, Chefe da Faculdade de Ciências Matemáticas da Universidade dos Estudos de Trento.

A prolusão foi pronunciada pelo Professor Franco Demarchi da Universidade dos Estudos de Trento,[90] que naquela ocasião ilustrou o ambiente europeu em que viveu e se formou o Jesuíta, bem como as peculiaridades das suas obras histórico-geográficas que tanto influência exerceram sobre o pensamento da época. Muito interessantes foram os comentários às obras em que o nosso cientista tinha mostrado, pela primeira vez, aos europeus a estrutura geográfica do Celeste Império, comparando a história antiga dos dois mundos.

Tomaremos agora em consideração só as informações mais importantes que é possível tirar das Actas do Convénio de Pequim. O sinólogo romano Piero Corradini ilustrou *La vita culturale cinese* na época de Martini. Devido ao facto de o grande missionário ter passado muito anos no mar, Aldo Caterino, de Génova, especialista de ciência náutica, investigou e reconstruiu minuciosamente as modalidades de viagens transoceânicas da época, conseguindo tornar agradáveis, em todos os aspectos, até as necessárias explicações técnicas, a saber: a descrição do itinerário e das suas razões; a tipologia dos navios utilizados, com alguns esclarecimentos pontuais sobre as modificações introduzidas e a vida de bordo. Guido Lorenzi, especialista de história tridentina, ofereceu uma ampla descrição do Principado tridentino no século XII, isto é, no tempo dos cardeais Madruzzo.

No Convénio de Pequim foram tratados numerosos assuntos: Riccardo Scartezzini, da Universidade dos Estudos de Trento, ilustrou as relações entre o poder central e as administrações locais (*Autorità centrale e poteri locali nella Cina imperiale*), enquanto Arnold Zingerle, de Bayreuth, tratou o tema *La burocrazia cinese e il cambio di dinastia del Seicento*. Os outros relatórios foram apresentados por Maria Rosa Arnoldi (*La struttura urbana cinese del '600 secondo l'Atlas*), Giuliano Bertuccioli (*Il De Amicitia e altre opere cinesi*), Giuseppe Brancaccio (*La Sinicæ Historiæ Decas Prima*: *alcune ipotesi di lettura*), Victor Campero (*Lisbona*, *il porto delle Indie orientali*), Orlando Lentini (*La sociografia nell'opera martiniana*), Raffaella Mantovanelli (*La condizione femminile in Cina*), Gabriele Pollini (*L'approccio di Martini alle religioni della Cina*: *note di geografia delle religioni*), Bruno Sanguanini (*L'amicizia come legame sociale*: *interazioni tra cultura cinese e cultura europea*), Vittorio Tonazzo (*Indicazioni tributarie dell'impero cinese contenute nel Novus Atlas Sinensis*), Severino Vareschi (*Il decreto del Sant'Ufficio del 1656 nella questione dei riti cinesi e il ruolo di Martini*), Claudia von Collani de Würzburg (*Teologia e cronologia nella Sinicæ Historiæ Decas Prima*).

Se a tarefa dos intervenientes ocidentais foi notável, a dos estudiosos chineses não foi menor. Giuseppe Shih S. J., da Pontifícia Universidade Gregoriana, pôs em evidência, a propósito da *De Bello Tartarico Historia*, que considera "documento molto importante e veramente imparziale per chiunque voglia studiare la storia cinese di quel tempo", algumas perplexidades que emergem desta obra. A narração de Martini diverge da de alguns historiadores manchus e chineses. O Pe. Mark K. Chang S. J., da Universidade de Taipé, tratou o tema *L'accetazione del Cristianesimo in Cina durante il XVII secolo*.

A figura de Martini foi apresentada com uma viva percepção e serenidade de avaliação, superiores às nossas expectativas, também pelos outros doze relatores. Já dos discursos pronunciados, por ocasião da inauguração do Convénio, tinha emergido um caloroso sentimento de estima pelo Jesuíta, considerado "il più importante sinologo del XVII secolo in Italia e in Occidente", "un uomo di cultura famoso in tutto il mondo", "padre della geografia" que "gode del profondo rispetto del popolo cinese", como disse o Professor Ru Xin, Vice-Reitor da Academia. O próprio Lü Tongliu, a quem pertence o mérito de ter organizado o Simpósio, exprimiu juízos semelhantes, sublinhando a importância duma conferência sobre esta personalidade organizada pela primeira vez na China.

O diálogo impõe-se e encontra grande vantagem na superação das distâncias oceânicas. Martini compreendeu que ao diálogo estava subjacente uma gramática e que os chineses tinham que chegar à Europa com análoga frequência àquela com que os europeus chegavam à China.

Os relatores chineses aventuraram-se, de forma relevante, no exame das obras do cientista-missionário, e ainda que não tivessem à sua disposição abundante material de arquivo, conseguiram desfrutar das fontes acessíveis da melhor maneira. Mostrando-se objectivos, admitiram a importância das contribuições dos europeus com vista a uma ampliação dos seus conhecimentos.

Os elogios feitos aos escritos do Jesuíta não tiveram conta. O *Novus Atlas Sinensis* tem que ser considerado "un'opera molto preziosa, di valore eterno. È il migliore libro di geografia cinese", afirmou Gu Weimin, de Xangai; "l'opera geografica di padre Martini, preparata in Cina, pubblicata in Europa e tornata nell'Impero Celeste è rimasta come una pietra miliare nella storia degli scambi culturali fra il mondo cinese e il mondo europeo", disse Shen Dingping, investigador do Instituto de História da Academia de Pequim. Geralmente partilhado foi o juízo expresso por Gu Weimin: "Martini ha colmato una lacuna nella storiografia cinese, anche perché i libri scritti dai mancesi non sono credibili, mentre la sua opera è imparziale e senza mezzi termini, degna di essere creduta". Análogo mérito reconheceu-lhe Zhang Lanqing, investigador junto do Instituto Central de Investigação de Ciências Pedagógicas, como "con uguale spirito fece conoscere ai cinesi la cultura europea e agli europei la cultura cinese"; "molte furono le conoscenze scientifiche, filosofiche ed artistiche che i cinesi acquisirono dal Nostro".

Xu Minglong, do Instituto de História Mundial da Academia, expôs os resultados de algumas das suas recentes investigações sobre a actividade do Jesuíta na China; Liu Jiantang, de Tianjin, analisou as responsabilidades da classe política do século XVII, enquanto Du Wen Ping, ele também de Tianjin, fez outrotanto pela história europeia. De todos os relatórios transparece um sentimento de admiração incondicional pela Companhia de Jesus, de que Martini é um alto expoente. Lendo as intervenções, parece que "missionário jesuíta" é considerado sinónimo de abertura e conhecimento, o que determinou a grande fama da Companhia na China. O mais empenhado de todos, pelo que diz respeito ao nosso tema, parece ter sido Xu Mingde, de Hangzhou, que afirmou: "padre Martini è ormai noto a tutti gli studiosi della Cina e dell'Italia e al vasto pubblico per la sua indubitabile opera di tramite fra i due mondi", e mais: "la sua sepoltura è stata dichiarata monumento di importanza storica dal Governo della Provincia in cui visse e

morì".[91] Foi agradável verificar como de tantos centros de investigação convergiram sobre a nossa personagem elogios fortes e explícitos. À luz de tudo isto, é com a grande razão que muitas histórias modernas da evangelização na China deveriam fazer mais do que limitar-se a, apenas, mencionar o seu nome. Todos os relatores chineses se mostraram também cientes da importância da tradição iniciada por Martini, que consistia em mandar estudar jovens chineses para a Europa. A este respeito Xu Mingde está convencido de que "la diffusione della fede religiosa costituisce un'importante forma di scambio culturale e una condizione di contatto fra popoli diversi e ciò è riscontrabile anche nella storia cinese". Martini ficaria, sem dúvida, recompensado, de todas as mesquinharias sofridas, com afirmações como esta, que, repetimos, foi adoptada por todos os relatores.

Isto representa a prova de que a história tem uma vida mais longa do que a dos seus detractores. A isto têm que ser acrescentados os importantes resultados conseguidos em consequência do Simpósio e que representam a prova tangível de que o percurso de redescoberta já foi irremediavelmente encetado: a publicação das Actas do Simpósio de Pequim, entregues por ocasião do I Convénio (Trento, Dezembro de 1995), aos relatores chineses[92] e a constituição do Centro de Estudos Martino Martini – cujo director é o Professor Riccardo Scartezzini – junto da Universidade dos Estudos de Trento, tudo isto concretiza o desejo que foi formulado no Convénio Internacional de Trento de 1981 pelos geógrafos que nele participaram. Está em curso a publicação da *Opera Omnia* de Martini: já foram impressos o volume I (*Lettere e documenti*, pp. 547) e o volume II (*Opere minori*, pp. 516), e estarão, em breve, disponíveis o volume III (*Novus Atlas Sinensis*), o volume IV (*Sinicæ Historiæ Decas Prima*) e o volume V (*De Bello Tartarico Historia e documentazioni aggiuntive*).

A publicação dos dois primeiros volumes foi enriquecida pela edição das separatas nº 1 (*Cronologia della vita e delle opere di Martino Martini S. J. - 1614-1661*) e nº 2 (*Trattato sull'Amicizia*).

Ainda hoje é uma questão muito importante compreender se, à entrada do terceiro milénio, a cultura atlântica e a cultura chinesa se encontram mais próximas do que na época em que Giulio Aleni (1582-1649) propôs a tradução de Aristóteles[93] e Martino Martini a de Suarez. Os tempos em que Martini nos revelava a grandiosidade da História dum misterioso Celeste Império e o Pe. Intorcetta traduzia Confúcio do chinês para o latim, são só os pródromos duma tarefa que agora teremos que cumprir, já que a problemática se tem dilatado, especializado e facetado enormemente.

O diálogo impõe-se e encontra grande vantagem na superação das distâncias oceânicas. Martini compreendeu que ao diálogo estava subjacente uma gramática, compreendendo também que os chineses tinham que chegar de qualquer maneira à Europa com análoga frequência àquela com que os europeus chegavam à China.

É, todavia, por outros aspectos que hoje o diálogo se impõe com maior urgência, apesar das dificuldades parecerem tão árduas como há quatro século atrás. De qualquer modo, hoje nós podemos caminhar seguindo o rasto de alguns precursores, generosos gigantes de coragem e de trabalho, cujos meios ao seu dispor quase se limitavam à obra *Il Milione* de Marco Polo, um mercador.

Todo o nosso encontro de ideias poderá ser uma etapa dum caminho que realize, "sotto lo stesso cielo", a colaboração de todas as nações, embora sejam distantes as terras de que provêm. Uma prova deste entendimento foi a coincidência da comemoração de Martini com a inauguração do seu busto na rua *Tre Novembre* em Trento (7 de Março de 1998) e o Convénio de Trento (4 de Novembro de 1998) sobre o tema *Le relazioni Europa-Cina dall'età delle grandi scoperte ai giorni nostri*, que teve a participação de Wu Minglian, embaixador da República Popular da China. Naquela ocasião foram publicados os *Studi su Martino Martini* (pp. 154) na revista *Studi Trentini di Scienze Storiche* (LXXVII-4-1998), enquanto foi inaugurado um centro de assistência, para além de um edifício sagrado, em Fu Yan, na periferia de Hangzhou, a antiga residência pastoral de Martini, junto do mausoléu que guarda a sua memória. Lembre-se também a recente publicação do Instituto Monumenta Serica, *Martino Martini S. J. (1614-1661) und die Chinamission im 17. Jahrhundert*, Roman Malek e Arnold Zingerle (ed.), D-53757 Sankt Augustin 2000, pp. 260. RC

N. do E. - O presente trabalho, agora apresentado em português com ulteriores esclarecimentos, foi publicado pela primeira vez e em italiano, em Trento, na *Rivista della Società di Studi Trentini di Scienze Storiche*, a. LXXIV, sez. I - nº 4 - 1995, pp.413-446. Está em curso a sua tradução, também enriquecida de ulteriores esclarecimentos, em língua espanhola, inglesa, francesa, chinesa e polaca.

Traduzido do original italiano por Stefania Elena Carnemolla.

NOTAS

1 B. Pascal, *Les provinciales*. Tratam-se das cartas escritas desde o mês de Janeiro de 1656 até ao mês de Março de 1657 por Louis de Montalde a um provincial seu amigo e aos RR. PP. jesuítas, sobre a moral e a política dos ditos padres.

2 Pe. Sforza Pallavicino, Roma 1606-1667, jesuíta, cardeal desde 1659.

3 G. Bernini, Roma 1598-1680. A Colunata foi construída no decénio de 1657-1667.

4 S. Vareschi, "L'opera di evangelizzazione e di mediazione culturale di Martino Martini S. J. (1614-1661) tra Europa e Cina", in *Rivista della Società di Studi Trentini di Scienze Storiche*, LXXIII (1994), s. I, nº 4, pp.365-409.

5 L. von Pastor, *Storia dei Papi dalla fine del Medioevo*, Roma, 1910-1934, vol. XIV, pp.428ss.

6 K. Bihlmeyer-h. Tuechle, *Storia della Chiesa*, Iginio Rogger (ed.), vol. IV, Brescia, 1958.

7 Chen Chih-ma, embaixador da República da China junto da Santa Sé, *La Chiesa cattolica in Cina*, ed. Mediterranee, Roma, 1975, p.135.

8 R. Laurentin, *Chine et Christianisme*. *Aprés les occasions manquées*, Paris, 1977; trad. it. *Cina e Cristianesimo*, *al di là delle occasioni mancate*, Città Nuova, 1981.

9 J. Charbonnier, *Histoire des Chrétiens de Chine*, Paris, 1992.

10 H. Küng-j. Ching, *Christentum und Chinesiche Religion*, Munique, 1988; trad. it. *Cristianesimo e religiosità cinese*, Mondadori, Milão, 1989.

11 G. Martina, *Storia della Chiesa*. *Da Lutero ai giorni nostri*, ed. Morcelliana, Brescia, 1993, 2 vol.

12 D. E. Mungello, *The Chinese Rites Controversy*, Sankt Augustin, 1994, p.356.

13 S. Vareschi, "Martino Martini S. J. e il decreto del Sant'Ufficio nella questione dei riti (1655-56)", in *Archivum Historicum Societatis Iesu*, LXIII (1994), p.209ss. Vd. também M. Martini, *Opera Omnia*, vol. I, Trento, 1998, pp.319-444.

14 P. Hazard, *La crise de la conscience européenne*: *1680-1715*; trad. it. *La crisi della coscienza europea*, vol. I, Milão, 1968, p.12.

15 G. Lorenzi, "Il Principato vescovile tridentino e il secolo di M. Martini, in Martino Martini, umanista e scienziato nella Cina del secolo XVII". *Atti del Simposio Internazionale su Martino Martini e gli scambi culturali tra Cina e Occidente*. *Accademia Cinese delle Scienze Sociali (Pechino 5-6-7- aprile 1994)*, F. Demarchi-R. Scartezzini (ed.), Università degli Studi di Trento, Trento, 1995, pp.45-58; Lia de Finis, *Dai maestri di grammatica al Ginnasio Liceo di Via S. Trinità in Trento*, Trento, 1987, p.490.

16 N. Trigault S. J., *De Christiana Expeditione apud Sinas suscepta ab Societate Jesu*. *Ex P. Matthei Ricij eiusdem Societatis Commentariis*, Libri V, Augustae Vind. 1615.

17 M. R. de Simone, "Il Collegio romano nella prima metà del Seicento e formazione culturale di Martino Martini", in *Atti del Convegno Internazionale Martino Martini*, *geografo*, *cartografo*, *storico*, *teologo*, co-editores Província Autónoma de Trento e Museu Tridentino, Trento, 1983, pp.301-317 (trad. ingl. pp.318-331).

18 Centro Studi Ricciani, *Atti del Convegno Internazionale di Studi Ricciani*, Macerata, 1984, p.218.

19 Ibid., p.220.

20 Ibid., p.222.

21 Vd. *Lettera I*, in M. Martini, *Opera Omnia*, op. cit., vol. I, pp.51-55.

22 H. Walravens, *China illustrata*. *Das europäische Chinaverständnis im Spiegel des 16. bis 18. Jahrhunderts*, Acta humaniora, Hannover, 1987, p.96.

23 J. Sebes, "Il ruolo di Martino Martini nella controversia dei Riti Cinesi", in *Atti del Convegno Internazionale*..., Trento, 1983, op. cit., pp.445-471 (trad. ingl. pp.472-492).

24 D. P. O'Connell, *Richelieu*, Londres, 1968 (trad. it. Milão, 1983).

25 B. Bolognani, *L'Europa scopre il volto della Cina*, co-editores Museu Tridentino de Ciências Naturais e Biblioteca dos PP. Franciscanos, Trento, 1978, pp.37-42; *Lettera V*, in M. Martini, *Opera Omnia*, op. cit., vol. I, pp.95-140.

26 G. Melis, "I viaggi di Martino Martini in Cina", in *Atti del Convegno Internazionale*..., Trento, 1983, op. cit., pp.393-420 (trad. ingl. pp.421-444).

27 J. P. Desroches, "Un paradiso fuggente", in *L'umana avventura*, Jaca Book,, 1989-1990, p.17.

28 Vd. *Novus Atlas Sinensis*, *Ad lectorem præfatio*, ed. Museu Tridentino-Província Autónoma de Trento, Trento, 1981, p.26 (trad. it. p.62; trad. alemã p.188).

29 E. Balazs, *La bureaucratie céleste*. *Recherches sur l'économie et la société de la Chine traditionnelle*, Paris, 1968; trad. it. *La burocrazia celeste*, Il Saggiatore, Milão, 1971, p.169.

30 *China illustrata*..., op. cit., p.248. M. Boym, polaco, é autor do tratado *Flora Sinensis* - publicado em Viena em 1656 - em que expôs a botânica e a zoologia da China.

31 J. Sebes, op. cit., p.446

32 B. Bolognani, op. cit., p.95.

33 Vd. L. von Pastor, op. cit., vol. XIV, p.311ss.

34 B. Bolognani, *L'Europa scopre*..., op. cit., p.103; H. Bosmans, *Documents sur Albert Dorville de Bruxelles*, Lovaina, 1911, pp.16-18.

35 Vd. *Lettera XXX*, in M. Martini, *Opera Omnia*, op. cit., vol. I, pp.463-467.

36 *Scienziati siciliani gesuiti in Cina nel secolo XVII*, A. Luini (ed.), Instituto ítalo-chinês, Milão, 1985, p.262.

37 J. Witek S. J., *Ferdinand Verbiest*, *Jesuit Missionary*, *Scientist*, *Engineer and Diplomat*, Sankt Augustin, 1994, pp.602.

38 G. Melis, "Ferdinand Verbiest and Martino Martini", in *Ferdinand Verbiest*, *Jesuit*..., op. cit., p.471ss.

39 Carta de Martini de 17 de Julho de 1658 do Arquivo Provincial dos Jesuítas de Munique.

40 B. Bolognani, op. cit., p.149.

41 Vd. *Trattato sull'Amicizia*, *Introduzione*, in M. Martini, *Opera Omnia*, op. cit., vol. II, p.205.

42 Ibid., op. cit., p.204.

43 C. von Collani, "Teologia e cronologia nella Sinicae Historiae Decas Prima (1658) de Martino Martini", in *Atti del Simposio Internazionale*..., Pequim, 1994, op. cit., pp.241-253.

44 S. Zoli, "La Cina nella cultura europea del '600", in *L'Europa cristiana nel rapporto con le altre culture nel secolo XVII*. *Atti del Convegno di Santa Margherita Ligure (19-21 maggio 1977)*, La Nuova Italia, Florença, 1978, pp.87-164.

45 Vd. *Atti del Simposio Internazionale*..., Pequim, 1994, op. cit.

46 S. Zoli, op. cit., p.125.

47 Vd. *Atti del Simposio Internazionale*..., Pequim, 1994, op. cit.

48 Vd. *Grammatica Sinica*, in M. Martini, *Opera Omnia*, op. cit., vol. II, pp.349-481.

49 A. Lazzarotto, *La cristianità in Cina secondo la Brevis Relatio*, in *Atti del Convegno Internazionale*..., Trento, 1983, op. cit., pp.377-384 (trad. ingl. pp.385-391); M. Martini, *Opera Omnia*, op. cit., vol. II, pp.31-143.

50 Vd. *Trattato sull'Amicizia*, *Genesi del Trattato*, in M. Martini,

Opera Omnia, op. cit., vol. II, pp.185-193.
51 B. Bolognani, op. cit., p.118.
52 Centro Studi Ricciani, op. cit., p.215.
53 Liu Jiantang, vd. *Atti del Simposio Internazionale*..., Pequim, 1994, op. cit., pp.339-349.
54 J. H. Serry, in S. Vareschi, *L'opera di evangelizzazione*, op. cit., p.402.
55 H. Walravens, op. cit., p.196.
56 G. Reale-D. Antiseri, *Il pensiero occidentale dalle origini ad oggi*, La Scuola, Brescia, 1983, vol. II, p.139.
57 *China Illustrata*, op. cit., *Bibel versus Annalen-Streit um ein Weltbild*, pp.17ss. e *Geographie und Kartographie*, p.112ss.
58 R. Étiemble, *L'Orient philosophique au XVIIIe siècle*, *II*, *Missionnaires et Philosophes*, Paris, 1957-1959, p.178; ibid., in *Nuova Rivista Storica* (maio-agosto de 1976), p.350; D. E. Mungello, op. cit., p.5.
59 F. M. Voltaire, *Il secolo di Luigi XIV*, E. Sestan (introd.)-U. Morra (trad.), Einaudi, Turim, 1951, p.495.
60 D. E. Mungello, "An Introduction to the Chinese Rites Controversy", in *The Chinese Rites Controversy*, op. cit., p.5.
61 A. Huonder, *Der chinesische Ritenstreit*, Aachen, 1921, pp.47.
62 G. Martina, *Storia della Chiesa*. *Da Lutero ai giorni nostri*, ed. Morcelliana, Brescia, 1993, p.354.
63 S. Vareschi, op. cit., p.406.
64 S. Zoli, op. cit., p.96.
65 *L'Europa cristiana nel rapporto con le altre culture nel secolo XVII. Atti del Convegno di S. Margherita Ligure (19-21 maggio 1977)*, La Nuova Italia, Florença, 1978.
66 S. Zoli, op. cit., p.128.
67 Ibid., p.149.
68 Ibid., p.116.
69 *China illustrata*..., op. cit., pp.106-110.
70 S. Zoli, op. cit., p.143.
71 M. dal Pra, "Prefazione", in *Atti del Convegno di S. Margherita Ligure*..., 1977, op. cit., pp.IX-XIII.
72 I. Vossius, mencionado in *China illustrata*..., op. cit., p.18.
73 S. Zoli, op. cit., p.149.
74 *China illustrata*..., op. cit., p.97. O P. Athanasius Kircher "personalità misteriosa e sconcertante, recentemente rivalutata", depois dum longo ostracismo, por Anton Haakman, *De onderaardse wereld van Athanasius Kircher*, Amesterdão, 1991 (trad. it. *Il mondo sotterraneo di Athanasius Kircher*, Garzanti, Milão, 1995). Depois dum período de grande interesse pelas suas descobertas, em especial no campo egiptológico, sofreu um considerável e longo repúdio com a acusação de «folle sognatore» e até de embusteiro por causa das suspeitas suscitadas pelas suas profundas e geniais intuições. É provável que a sua parábola tenha arrastado até o bom nome de Martini, que lhe tinha entregue muitas informações sobre a China.
75 Ibid., pp.178-179.
76 D. Bartoli, *Historia della Compagnia di Gesù*. *La Cina* 1663.
77 S. Zoli, "Il mito settecentesco della Cina in Europa e la moderna storiografia", in *Nuova Rivista Storica* (maio-agosto de 1976), pp.335ss.
78 S. Zoli, op. cit., p.111.
79 Ibid., p.157.
80 B. Bolognani, op. cit., p.11.
81 *Atti del Simposio Internazionale*..., Pequim, 1994, op. cit., pp.584.
82 G. Lorenzi, "Presentazione", in *Atti del Convegno Internazionale*..., Trento, 1983, op. cit., p.14.
83 G. Melis, "I viaggi di Martino Martini in Cina", in *Atti del Convegno Internazionale*..., Trento, 1983, op. cit., pp.393ss.
84 J. Sebes, "Il ruolo di Martino Martini nella controversia dei Riti Cinesi", in *Atti del Convegno Internazionale*..., Trento, 1983, op. cit., p.46 Ma Yong, "Attività di Martino Martini in Cina e sue opere di storia e geografia della Cina", in *Atti del Convegno Internazionale*..., Trento, 1983, op. cit., (vers. it. p.246; vers. ingl. p.261).3.
85 Ma Yong, "Attività di Martino Martini in Cina e sue opere di storia e geografia della Cina", in *Atti del Convegno Internazionale*..., Trento, 1983, op. cit., (vers. it. p.246; vers. ingl. p.261).
86 Vd. também H. Walravens, *Geographie und Kartographie*, op. cit., pp.112-116.
87 *Scienziati siciliani*..., op. cit., pp.59,73,103,121,171,197.
88 Vd. revista chinesa de *Estudos de Religião e Cultura*, Chen Cunfu (ed.), Universidade de Hangzhou (texto em chinês e inglês), 1994, p.350.
89 G. Brancaccio, "Martino Martini e gli scambi culturali fra Cina e Occidente", in *Mondo Cinese*, nº 85 (1994); A. Macchi S. J., "Un Convegno a Pechino su Martino Martini (5-7 aprile 1994)", in *Civiltà Cattolica*, I (1995), pp.257-262; "Delegazione diocesana tridentina al Convegno di Pechino su Martino Martini S. J.", in *Rivista Diocesana*, CXX, nº 5 (Maio de 1994).
90 F. Demarchi, "Figura e opera di Martino Martini, Introduzione", in *Atti del Simposio Internazionale*..., Pequim, 1994, op. cit., pp.17-21.
91 Xu Mingde, "Le attività di Martino Martini in Cina", in *Atti del Simposio Internazionale*..., Pequim, 1994, op. cit., pp.25-40.
92 Vd. edições em língua italiana, inglesa e chinesa, Università degli Studi di Trento, 1995.
93 E. Menegon, *Un solo cielo*, *Giulio Aleni S. J.*, *geografia*, *arte*, *scienza*, *religione dall'Europa alla Cina*, ed. Grafo, Brescia, 1994.

ENCONTRO DE CULTURAS / Religião

VIDA E OBRAS DE MARTINO MARTINI S.J.

Nesta primeira tentativa de redigir uma cronologia da vida e obras de Martini procurou-se assinalar as fontes primárias de que foram tiradas as notícias relacionadas com os principais episódios da sua vida. Nem sempre isto foi possível, faltando muitos documentos sobre alguns momentos da vida de Martini. Tais são os anos que ele passou na China, desde 1642 até 1650, mas sobretudo os que vão de 1651, quando foi à Europa, até 1658, ano do seu definitivo regresso à terra de missão. São anos cheios de encontros com algumas personalidades políticas e culturais da Europa e enriquecidos de viagens a vários lugares, nem sempre documentáveis duma maneira exaustiva no estado actual dos nossos conhecimentos. Na esperança que ulteriores e fortuosas investigações nos arquivos da Europa permitam encontrar mais cartas e documentos que sejam úteis para o aperfeiçoamento desta cronologia, sempre que não foi possível confirmar datas e acontecimentos mencionando as fontes primárias, recorreu-se às notícias encontradas em algumas biografias e em alguns estudos sobre Martini. Isto foi feito pressupondo que as fontes, nem sempre mencionadas por inteiro e que nem sempre foi possível controlar, fossem certas e atendíveis. Um asterisco (*) foi então escolhido para assinalar tais casos.

20.9.1614 - Nasce em Trento de Andrea e Cecilia de Rubeis (Rossi) e é baptizado na Paróquia de SS. Pietro e Paolo.
Trento, Arquivo da Paróquia de SS. Pietro e Paolo, *Registro dei Nati*, vol. II, f. 177 bis, n. 1.

26.11.1625 - A Companhia de Jesus abre uma escola em Trento, onde Martini frequenta provavelmente os cursos do ginásio, que naquele ano começaram, de facto, a 26 de Novembro.
F. Ghetta, *Martino Martini nella sua città* in *Martino Martini, geografo, cartografo, storico, teologo. Trento 1614-Hangzhou. Atti del Convegno Internazionale* (Trento, 1983), G. Melis (ed.), pp.344-345; Lia de Finis, *Dai maestri di grammatica al Ginnasio Liceo di via S. Trinità in Trento*, Trento, 1987, p.116.

7.10.1632 - Entra na Companhia de Jesus em Sant'Andrea del Quirinale, em Roma.
A.R.S.I., *Rom. 173*, f. 20v.

1634-1635 - Acaba o período de noviciado e frequenta logo a seguir os cursos do biénio de retórica junto do Colégio Romano.
A.R.S.I., *Rom. 80*, ff. 220v, 247r.

11.8.1634 - Apresenta o pedido ao P. Geral, Muzio Vitelleschi para partir para a Índia, como missionário.
A.R.S.I., *Fondo Gesuitico 740*, f. 209rv. Veja-se M. Martini, *Opera Omnia*, ob. cit., vol. I, carta I, pp.51-55.

1636-1637 - Frequenta os cursos do biénio de filosofia junto do Colégio Romano, onde tem como "magister"o P. Athanasius Kircher S. J.
A.R.S.I., *Rom. 80*, f. 268v; *57*, f. 21, n. 164. Kircher assim escreve na sua obra *Magnes* (etc.), Roma, 1654, p.316: "P. Martinus Martinius meus in Mathematicis privatus hic Romæ discipulus".

22.7.1638 - Tendo sido acolhido o seu pedido de partir como missionário, recebe a ordem de seguir para a China.
Biblioteca Nacional, Lisboa, *Ms. 722 do Fundo Geral*, ff. 328rv-329r: "*Annua do Padre Martino Martini do anno 1644*", f. 328v.

1638 - Nos primeiros dias de Setembro é ordenado sacerdote. Ibid.

19.9.1638 - Parte de Génova com onze companheiros a caminho de Portugal, mas pouco depois é constrangido a arribar por causa das más condições do mar.
Ibid.

20.12.1638 - Observa uma eclipse da Lua, que descreve numa carta ao P. A. Kircher.
A.P.U.G. *567* (*Kircher*, *Misc. Epist*. XIII) f. 74r. Veja-se M. Martini, *Opera Omnia*, ob. cit., vol. I, carta II, pp.57-70.

25.12.1638 - Parte de Génova num navio inglês. A viagem por mar, muito trabalhosa, acaba em Cádis. Martini, então, prossegue, por terra, até Évora, onde chega em Janeiro. Pouco depois segue para Lisboa.
Biblioteca Nacional, Lisboa, ob. cit., f. 328v; A.P.U.G. *567*, ob. cit., f. 74v.

13.5.1639 - Falha uma primeira tentativa de partir para a Índia, tendo o seu navio encontrado ventos contrários e as calmarias do golfo de Guiné. O dito navio arriba para Lisboa depois de cinco meses, isto é, no Outono.
Ibid.; A.R.S.I., *Goa 34.1*, f. 81r. Kircher, *Magnes* (etc.), Roma 1654, p.316, indica erroneamente o Outono de 1638; A.P.U.G. *567*, ob. cit., f. 223v. Veja-se M. Martini, *Opera Omnia*, ob. cit., vol. I, carta III, pp.71-86.

23.3.1640 - Com 24 confrades embarca em Lisboa na nau *Nossa Senhora da Atalaia* de partida para a Índia. A nau parte só a 26 de Março.
A.R.S.I., *Goa 34.1*, f. 81r; J. Wicki, *Liste der Jesuiten Indienfahrer 1541-1758* in "Aufsätze zur portugiesischen Kulturgeschichte", Munster 1967, n. 75/890, pp.296-297. Veja-se M. Martini, *Opera Omnia*, ob. cit., vol. I, carta V, pp.95-140.

19.9.1640 - Chega a Goa, domínio português na Índia.
A.R.S.I., *Goa 34.1*, f. 85r.

19.12.1641 - Faltando navios para a prossecução da viagem, só parte de Goa a caminho de Macau um ano depois.
Biblioteca Nacional, Lisboa, ob. cit., f. 329r; A.P.U.G. *567*, ob. cit., f. 189r. Veja-se M. Martini, *Opera Omnia*, ob. cit., vol. I, carta VII, pp.155-165.

4.8.1642 - Chega a Macau depois duma viagem bastante aventurada, feita primeiro em dois navios ingleses e, depois, num navio holandês. Na sua *Annua do anno 1644* Martini é algo parco em notícias acerca das circunstâncias da sua viagem, da data exacta da sua chegada e da duração da sua estadia nesta cidade, sendo mais preciso, a este respeito, na carta enviada de Macau, a 1 de Novembro de 1642, ao seu professor Athanasius Kircher.
Biblioteca Nacional, Lisboa, ob. cit., f. 329r; A.P.U.G. *567*, ob. cit., f. 189r. Veja-se M. Martini, *Opera Omnia*, ob. cit., vol. I, carta VII, pp.155-165.

1643 - Sem especificar nem o dia nem o mês, escreve na dita *Annua* ter embarcado a caminho da China como (ou vestido como) um militar ("em traje de soldado") em companhia do Vice-Provincial, P. Giulio Aleni, e do P. Simão da Cunha, que decerto deviam regressar à sede. É um momento muito difícil para Martini, que era ainda muito jovem, bem como inexperiente pelo que diz respeito ao país e incapaz de se exprimir correctamente na língua chinesa, decerto não podia enfrentar a longa viagem sozinho. Na falta de notícias mais precisas, o ano do seu ingresso na China pode ser tirado do rol dos jesuítas que

aqui residiam no ano de 1646, onde se lê que ele "fuit in Missione Sinensi annos 3"(1646-3=1643), o que pode ser confirmado pelas duas obras de seguida mencionadas, que especificam que regressou à China durante o décimo sexto ano do reinado Chongzhen (19 de Fevereiro de 1643-7 de Fevereiro de 1644). Em relação ao mês, julga-se ter sido Fevereiro ou Março de 1643.
Biblioteca Nacional, Lisboa, ob. cit., f. 329r; A.R.S.I. *1.134*, f. 236r, n. 24; Han Lin-Zhang Geng, *Shengjiao xinzheng* (Testemunhos da Santa Religião), Pequim, 1668, f. 21rv; F. Couplet, *Catalogus patrum Societatis Jesu*, *qui post obitum S. Francisci Xaverii ab Anno 1581 usque ad Annum 1681 in Imperio Sinarum Jesu Christi fidem propugnarunt*...in F. Verbiest, *Astronomia Europea*, Dilingæ ,1687, p.118, n. LV.
Sendo impraticável a via marítima ao longo das costas da China, pouco segura por causa dos piratas e das tempestades, seguia-se a via interior, navegando sobretudo por rios e canais. De Cantão até Nanhiung (Nanxiong) a via seguida era a fluvial, para logo a seguir se tomar a via terrestre, isto é, quando era preciso atravessar o passo Meiling. Logo depois, seguindo o curso dos rios e atravessando alguns lagos, encontravam-se os seguintes lugares: Cancheu (Ganzhou), Nanchang, Kieukiang (Jiujiang), Kiangning (Nanquim) e Chinkiang (Zhenjiang). Aqui entrava-se no Grande Canal, a via de água construída pelo homem e que ligava Pequim a Hangcheu (Hangzhou). Martini descreverá os ditos lugares no seu *Novus Atlas Sinensis*, porém especificando raras vezes se e quando os visitou. Baseando-se em alguns dados da sua *Annua do anno 1644* é possível concluir que, ao contrário do que foi presumido até agora pelos outros estudiosos, a primeira viagem de Martini foi mais rápida do que se pensava, como não parece que demorasse muito em Nanquim (que visitou, ao contrário, por ocasião da sua segunda viagem), dirigindo-se logo para Hangzhou.
Biblioteca Nacional, Lisboa, ob. cit., f. 329r; M. Martini, *Novus Atlas Sinensis*, Amesterdão 1655, reprodução anastática, Trento, 1981, pp.85, 86, 88, 89, 91, 92; G. Melis, *I viaggi di Martino Martini in Cina* in *Martino Martini*, ob. cit., p.398.

27.6.1643 - No fim da sua longa viagem e provavelmente antes de chegar a Hangzhou, vai ao encontro do P. Francesco Brancati S. J. em Xam Hay (Shanghai). Vivendo num ambiente mais culto do que podia ter encontrado em Macau, é provavelmente nesta época que começa o estudo sistemático da língua chinesa, tomando também a decisão de adoptar o apelido chinês *Wei* e o nome, evocatório, *Kuangguo*, que significa "Salvador do país", isto é, da China; logo depois escolherá, como segundo nome, *Jitai*, que tem o significado implícito de "ajudar, assistir, socorrer", e, por outro lado, uma pronúncia próxima de *Xitai* (i.e., do Extremo Ocidente), o nome que tinha sido adoptado por Matteo Ricci.
Biblioteca Nacional, Lisboa, ob. cit., f. 329r.

Outubro de 1643 - Encontra-se em Hangzhou, donde se ausentará muitas vezes para visitar alguns lugares na região de Kiangnan (Jiangnan) – que corresponde à actual província de Jiangsu – e na de Chekiang (Zhejiang).
Ibid., f. 329r.

14.2.1644 - Tem o encargo de ir para Cham Xo (Changshu), a norte da cidade de Sucheu (Suzhou), com o Frei Francisco Ferreira de Macau. Redige um relatório sobre a missão, onde só demorará um mês e 22 dias.
Ibid., ff. 329r-332r.

ca. III década de Março de 1644 - Recebe do Vice-Provincial, P. Giulio Aleni, a ordem de partir para Nanquim para substituir o P. Francesco Sambiasi, cuja partida para Macau parecia iminente, onde tinha que solicitar ajuda em favor da causa da dinastia Ming.
Ibid., ff. 331v-332r.

25.4.1644 - Na China setentrional, a sorte da dinastia Ming é precipitada pelas traições dos generais e pela pressão dos manchus invasores. Para não cair nas mãos de Li Zicheng, o general traidor, o imperador Ming Zhu Youjian (1611-1644), que tinha reinado com o nome de Chongzhen, suicida-se em Pequim.

6.6.1644 - Pequim é ocupada pelos manchus. As operações militares transferem-se para a China central (e depois para a meridional), onde alguns príncipes Ming tentarão durante algum tempo, mas com muito pouco êxito, a resistência.
Surpreendido pelo precipitar dos acontecimentos, Martini recebe em Nanquim a notícia da morte do imperador, difundida na cidade a 17 de Maio, e a da ocupação de Pequim. Ambas as notícias lançam a população de Nanquim no temor e na desordem.
M. Martini, *De Bello Tartarico Historia*, Antuérpia 1654 (editio altera), p.86: "Tum temporis ego ipse in urbe Nanking eram...".

19.6.1644 - O príncipe Ming Zhu Yousong proclama-se imperador em Nanquim, assumindo o sob o nome de Hongguang. Reinará só um ano, morrendo em 1646, cativo dos manchus.
M. Martini, ob. cit., pp.86-91.

6.7.1644 - Convocado pelo Vice-Provincial, Martini regressa a Hangzhou para substituir o P. João Monteiro.
Biblioteca Nacional, Lisboa, ob. cit., f. 332r.

8.6.1645 - Nanquim é ocupada pelos manchus, cujas forças avançam para sul, em direcção a Hangzhou.
M. Martini, ob. cit., p.91.

Agosto de 1645 - Os manchus ocupam Hangzhou. Martini descreve a batalha pela conquista da cidade, não dizendo, contudo, onde se encontrava no momento da entrada dos vencedores. Presume-se que se ocultasse em algum lugar próximo e que só a seguir mudasse para o Zhejiang meridional e o Fujian setentrional. Segundo o que diz, sabemos, porém, que em 1645 (por certo depois da queda de Hangzhou) foi convocado pelo Vice-Provincial, P. Giulio Aleni, que o mandou para Jen Ping (Yanping, nome actual: Nanping), na província de Fujian, para cumprir algumas tarefas, entre as quais a de introduzir ao estudo do chinês o P. Johannes Nikolaus Smogulecki, que tinha chegado do Guangdong havia pouco tempo.
M. Martini, ob. cit., pp.94-95; Biblioteca Nacional, Lisboa, *Ms. 722 do Fundo Geral*, ff. 346r-350r: "*Annua de Yen pim do Padre Martino Martini de 1646*", f. 346rv.
Depois da tomada de Hangzhou, o ímpeto ofensivo dos manchus parece enfraquecer durante algum tempo; no entanto, os partidários da dinastia Ming não conseguem formar uma estável frente comum contra o invasor.

18.8.1645 - O príncipe Ming Zhu Yujian (1602-1646), também conhecido pelo nome de príncipe de Tang, proclama-se imperador, adoptando o nome de Longwu. Governará de 1645 até 1646, estabelecendo a sua base na província de Fujian.
Num primeiro tempo terá como aliado e depois, como rival, outro príncipe Ming, isto é, Zhu Yihai (1618-1662), conhecido sobretudo pelo nome de príncipe de Lu.
M. Martini, ob. cit., pp.96-98.

II mês lunar de 1646 (20 Fevereiro-21 de Março) - Num primeiro momento o imperador Longwu estabelecerá a sua capital na região

mais interior do Fujian, em Yien Ning (Jianning, nome actual: Jian'ou), e, logo a seguir, na vizinha Yanping, onde se encontra Martini. Tudo isto determina o envolvimento do nosso missionário nas actividades dos partidários da dinastia Ming contra os manchus.
Mingshi (História dos Ming), cap. CXVIII, ed. Zhonghua, 1974, vol. XII, pp.3609-3610.
Martini refere que um alto dignitário daquela corte, o *Colao* (Grande secretário), lhe pediu várias vezes e com certa insistência que aceitasse a dignidade de mandarim, oferecida pelo imperador, que estava desejoso de se servir dos seus ensinamentos sobre as "cousas de Europa". Apesar da sua recusa, os chineses por fim mandaram-no ir de grande uniforme, cujas insígnias eram representadas por dragões bordados. Martini aceitou, porém com a reserva de se servir de tão linda veste como paramento para dizer missa.
Biblioteca Nacional, Lisboa, ob. cit., ff. 346v-350r; B. M. Biermann O. P., *War Martin Martini chinesischer Mandarin?* in "Neue Zeitschrift für Missionswissenschaft", n. 11, 1955, pp.221-225; veja-se M. Martini, *Opera Omnia*, ob. cit., vol. I, carta XX, nota 3, p.313.
Na realidade ao imperador Longwu e aos seus partidários interessavam os conhecimentos de Martini no domínio da balística, da fundição dos canhões, bem como no da preparação da pólvora. Martini entrou em contacto com o general Ming Liu Zhongcao – falecido em 1649 – como perito nestes domínios e foi provavelmente para ele que fundiu alguns canhões, o que lhe permitiu ganhar o título de *huoyao dachen* (Grande Funcionário da Pólvora).
Ma Yong, *Jindai Ouzhou Hanxuejia de Xianqu Maerdini* (Martini, Pioneiro da Moderna Sinologia Europeia) in "Lishi yanjiu", n. 6, 1980, p.159; veja-se M. Martini, *Opera Omnia*, ob. cit., vol. I, carta XX, notas 3-4, pp.313-314.
Foi provavelmente nesta época que teve lugar o desagradável incidente (veja-se M. Martini, *Opera Omnia*, ob. cit., vol. I, carta XX, introdução, pp.307-308) causa de discórdia entre Martini e os dominicanos, que o acusavam de os ter tratado como "parentes pobres" depois de ter obtido a honorífica qualificação. Talvez Martini se refira às suas divergências com os dominicanos e às dificuldades por estes levantadas, por zelo excessivo, à actividade missionária, quando, na *Annua de Yem pim de 1646*, escreve: "são bons religiosos, mas mais zelantes do que prudentes, como é preciso ser nas novas comunidades cristãs".
Biblioteca Nacional, Lisboa, ob. cit., f. 348v.

VI mês lunar de 1646 (13 Julho-10 de Agosto) - Os manchus retomam o seu avanço em direcção ao sul, sem encontrarem forte resistência. Por ordem de Longwu, Martini tinha partido para um centro junto de Wenzhou, no Zhejiang meridional, a que ele chama por erro Venxui, mas que é possível identificar como Xuigan (Rui'an). Surpreendido pelo avanço dos manchus, correu risco de vida durante o saque da cidade. Salvou-se, colando à porta da sua morada uma grande folha de papel vermelho em que tinha escrito "Aqui mora um doutor da lei divina do Grande Ocidente" e pondo à vista, na sua antecâmara, os livros, os instrumentos científicos e as imagens sagradas que estavam à sua disposição. Foi assim que conseguiu entreter os soldados manchus e suscitar o interesse de um comandante, que o tratou com cordialidade, persuadindo-o a aderir à causa dos manchus. Ele próprio o vestiu com o traje manchu e o rapou deixando apenas os cabelos da nuca formando uma trança. Assim terminou a breve experiência de Martini como mandarim dos Ming, começando uma outra, que o viu convicto partidário do novo regime, que considerava justamente mais sólido e destinado perdurar, e mais favorável para com a religião cristã.
M. Martini, ob. cit., pp.99-100; *Mingshi*, loc. cit., p.3610; J. J. L. Duyvendak, *Early Chinese studies in Holland* in "T'oung Pao", XXXII, 1936, pp.326-327.

29.9.1646 - O imperador Longwu foge de Yanping sendo morto pouco depois.
Mingji nanlüe (Sumário da História dos Ming Meridionais), Taipei, 1968, p.249; M. Martini, ob. cit., pp.101-102.

V mês lunar de 1647 (5 de Junho-1 de Julho) - Depois de algumas prováveis mudanças para lugares vizinhos, Martini chega à residência dos jesuítas em Lanxi, cidade do Zhejiang. Daqui muda-se para Lingyan, onde encontra o estudioso local Zhu Shi, com quem troca algumas ideias sobre o tema da amizade. A pedido de Zhu Shi Martini, compôs o *Qiuyou pian* (Tratado da Amizade), que todavia só será publicado postumamente.
M. Martini, ob. cit., p.100; id., *Qiuyou pian* (Tratado da Amizade), 1661, prefácio de Zhu Shi.

1648 - Encontra-se na residência de Hangzhou.
A.R.S.I., *Jap. Sin. 134*, f. 326r, n. 24.
Com a ajuda dum literato convertido, isto é, Cosma Zhu (Zhu Zongyuan), nascido em 1609 na cidade de Ningbo, começa a tradução para chinês da obra de Francisco Suarez S. J. (1548-1617). Esta tradução não será concluída, pois terão que se separar depois de 1650.
T. I. Dunin-Szpot S.J., *Historia Sinarum 1641-1687*, f. 69v in A.R.S.I., *Jap. Sin. 103*; id., *Collectanea Historiæ Sinensis 1641-1680*, f. 89r, ibid. 104.

1650 - É dado por superior da residência de Hangzhou.
A.R.S.I., *Jap. Sin. 134*, f. 343, n. 16.

1650 - O Padre Provincial Manuel Diaz S. J. (1574-1659) dispõe o envio de Martini para Pequim para colaborar com Adam Schall von Bell no Observatório de Astronomia. Os dois, ambos com um carácter forte e autoritário, não estavam destinados a viver em boa harmonia. Depois de ter chegado a Pequim, não podendo confiar na assistência de Schall, Martini permaneceu na cidade durante pouco tempo, provavelmente, como tem sido presumido, de finais de Março até ao fim de Abril. Tem sido insinuado que não era do agrado de Schall a presença a seu lado de um colaborador demasiado inteligente e capaz como Martini, que acabaria por tomar o seu lugar e, de qualquer modo, por fazer-lhe sombra. Provavelmente Schall não pensou intervir com a necessária energia junto das autoridades para que a Martini fosse dada licença para se estabelecer em Pequim, temendo que o seu passado de "colaboracionista"dos Ming, ao vir ao conhecimento de muitos, pudesse prejudicar a posição da Missão dos jesuítas na capital. Martini recebeu assim ordem para regressar a Hangzhou. Durante a sua estadia em Pequim de qualquer modo encontrou maneira de visitar, como um turista moderno, a Grande Muralha, se for tomado à letra o que escreve na dedicatória do seu *Novus Atlas Sinensis*: "donec in muro illo...ipse constiti".
A.R.S.I., *Jap. Sin. 142.25*, ff. 125-128v; ibid., 142.38, ff. 169r-173v; J. Sebes, *Il ruolo di Martino Martini nella controversia dei Riti cinesi* in *Martino Martini*, ob. cit., pp.451-453; G. Melis, *I viaggi di Martino Martini in Cina* in *Martino Martini*, ob. cit., pp.406-407, 415-418.

1650 - O Padre Provincial Manuel Diaz S. J., de acordo com o Visitador, P. Francisco Furtado, decide enviar Martini para Roma como procurador da Missão com a dúplice tarefa de ilustrar às autoridades da Congregação da *Propaganda Fide* quer a questão relativa à posição de Schall como chefe do Observatório de Astronomia, quer a razão pela qual os jesuítas não tinham observado as ordens dadas pela Santa Sé, em 1645, sobre a Questão dos Ritos. Nem todos os missionários jesuítas presentes na China estiveram de acordo com tal nomeação, julgando Martini não apto para tal tarefa, por ser muito jovem, bem como, provavelmente, por estar preconcebido para com Shall depois

do que tinha acontecido em Pequim. Por consequência, foi decidido mandar partir Martini a toda a pressa, quase às escondidas e de um lugar diferente do tradicional, Macau, levantando assim as suspeitas das autoridades portuguesas.
J. Sebes, ob. cit., pp.446-453; G. Melis, ob. cit., p.407.

1651 - Em Janeiro, Martini chega a Anhai, centro da província de Fujian ao norte da ilha de Jinmen ou Quemoy. Pouco depois embarca para Manila.
A.R.S.I., *Jap. Sin. 162*, f. 51r; M. Martini, *Novus Atlas Sinensis*, ob. cit., p.130; *Relatio ad Ministrum provincialem*, *Anhai febr. 1651* in *Sinica Franciscana*, VII/I, Roma, 1965, p.39: "P. Martinus Martini S.J. mense jan. 1651 in Anhai pervenit, Romam per viam Philippinarum petiturus".

Março de 1651 - Muito provavelmente Martini embarca num junco da frota mercante que cada ano, sobretudo em Março, ia dos portos do Fujian até Manila.
J. de Casanova O.F.M., *Carta de Anhai* de 18 de Março de 1651 in *Sinica Franciscana*, II, Firenze, 1933, p.610: "P. Martinus Martini S. J. Romam proficiscitur"; A. de Morga, *Sucesos de las islas Philipinas*, trad. ingl. de J. S. Cummins, Cambridge, 1972, p.305; S. D. Quaison, *The Sampan Trade*, *1570-1770* in AA.VV., *The Chinese in the Philippines*, Manila, 1966, p.161.

Março de 1651 - Não parte sozinho. Como aqueles missionários jesuítas que nos séculos XVII-XVIII regressavam à Europa com encargos por conta da Missão chinesa, também Martini foi acompanhado por um jovem chinês. O jesuíta tridentino, que o apresentou na Europa como literato e até como mandarim, serviu-se dele como criado, secretário, intérprete e dicionário vivo e isto sempre que tinha de interpretar algum texto chinês. Este jovem, que se chamava Domenico Siquin, era originário da província de Hebei; em 1651 tinha 28 anos e tinha sido baptizado pelos dominicanos do Fujian havia oito anos. Estes tinham-no apresentado ao próprio Martini, que lhes tinha pedido um jovem chinês, cristão e fiel, que estivesse disposto a acompanhá-lo até à Europa. Não é claro, todavia, que Domenico tenha regressado à China com Martini.
D. Navarrete O. P., *Tratados historicos*, *politicos*, *ethicos y religiosos de la Monarchia de China*, Madrid, 1676, p.341; V. Ricci, *Relazione ai signori cardinali di Propaganda Fide*, Manila, 22 de Junho de 1651, in A.P.F., *S.O.C.G.*, vol. CXCIII, f. 279v; id. Carta de 23 de Janeiro de 1652, ibid., f. 233rv.

Março de 1651-Janeiro de 1652 - A demora de Martini nas Filipinas prolongou-se até 1652, já tinha que ficar à espera de algum navio para a prossecução da sua viagem. Decerto que Martini aproveitou aquela longa e forçada estadia para pôr em ordem todo o material histórico e geográfico que tinha preparado na China em vista da futura publicação das suas obras de maior relevo. Certamente teve ocasião de ter contactos úteis e de recolher, assim, os documentos necessários para demonstrar, à sua chegada a Roma, a irracionalidade das críticas que os dominicanos, em especial, tinham endereçado à obra dos jesuítas na China.
A sua prolongada paragem pode, porém, ser atribuída a outra razão ainda a considerar. Em 1647, o navio *La Concepcion*, que vinha de Macau com uma carga de preciosas mercadorias, tinha sido bloqueado pelas autoridades da alfândega de Manila, que tinham aprisionado a tripulação e confiscado a carga, que incluía também 27 libras de almíscar de primeira qualidade, pertencente aos jesuítas da China. Os padres, que em caso de necessidade nunca deixavam de praticar o comércio, tendo esperado tirar da sua venda bastante dinheiro para pagar as despesas da sua Missão, agora pretendiam a restituição pelo menos dos 2.430 escudos de prata ou "patacões", provento da venda em leilão determinada pelas autoridades da alfândega. Como procurador da Missão, Martini, encontrando-se em Manila, foi decerto envolvido no contencioso que se arrastava havia muitos anos e que provavelmente o persuadiu a adiar a partida na esperança de conseguir obter uma solução que favorecesse a Missão. Ainda que tudo isto não tivesse êxito, Martini não se rendeu, como, à sua chegada, como se verá em seguida, nunca deixará de se bater, interessando na questão até um soberano!
M Martini, *De Bello Tartarico Historia*, ob. cit., p.12: "Philippinis in Insulis dum navigij opportunitatem per aliquot menses expecto...".
Para a documentação relativa ao contencioso dos Jesuítas com a alfândega de Manila veja-se *17 de Novembro de 1654*.

23.1.1652 - Vittorio Ricci O. P., nesta data, entrega uma carta a Domenico Siquin, o jovem chinês que tinha acompanhado Martini na sua viagem para a Europa. Presume-se que Martini e Domenico embarcaram logo a seguir.

1652 - Martini visita o sultão de Makar, que, impressionado pela sua cultura matemática e conquistado pelas suas prendas, lhe pede que mande chegar à sua ilha alguns missionários jesuítas.
Veja-se *Relazione sul Mondo Nuovo (etc.)*, nota 13, in M. Martini, *Opera Omnia*, ob. cit., vol. II.

Maio de 1652 - Bloqueado e transferido para Batávia (Jacarta), onde é retido pelos holandeses durante quase oito meses, numa aparente situação de cativeiro, interessados que estavam nos seus conhecimentos da situação na China. Aproveita esta nova paragem forçada para pôr emdia os seus trabalhos históricos e geográficos, o que continuará a fazer também durante a sua viagem por mar a caminho da Europa.

1.2.1653 - Parte de Batávia, provavelmente no navio holandês *Oliphant*, um dos três navios que naquele dia zarparam para a Europa às ordens do contra-almirante A. Frisius. Chegado ao Cabo da Boa Esperança, ficará em terra durante vinte dias como hóspede do governador Van Riebeeck, a quem fornece úteis indicações sobre as escalas ao longo da costa africana.
M. Martini, *De Bello Tartarico Historia*, ob. cit., p.12; J. J. L. Duyvendak, *Early Chinese Studies in Holland* in "T'oung Pao", vol. XXXII, 1936, p.311, nota 2; (*) H. Bernard, *Les sources mongoles et chinoises de l'Atlas Martini (1655)* in "Monumenta Serica", vol. XII, 1947, p.139, nota 51.

31.8.1653 - Depois de ter passado o Cabo da Boa Esperança e rodeado as ilhas britânicas, evitando atravessar a Mancha, o navio em que ia Martini chega a Bergen, na Noruega.
M. Martini, ob. cit., p.12: "...superato Bonæ Spes Promontorio, circumnavigatisque Insulis Britannicis, qua parte America respiciunt, inter Scotiam demum et Islandiam Berghas Norvegiæ appuli die XXXI Augusti eiusdem anni".

Setembro de 1653 - Logo depois do desembarque em Bergen, dirige-se primeiro para Hamburgo, donde prosseguirá a caminho de Amesterdão e depois para Antuérpia e Bruxelas.
M. Martini, ob. cit., pp.12-13: "Inde mox Hamburgum, atque in Hollandiam, uti et Anterpiam Bruxellamque deveni...".

7.11.1653 - Chega a Amesterdão.
(*) H. Bernard, ob. cit., p.139.

Janeiro de 1654 - Na sua viagem para sul a caminho de Antuérpia, Martini encontra nas proximidade de Leiden o célebre estudioso

holandês Jacob Golius (1596-1667), professor de arábico naquela universidade. É um encontro brevíssimo, que dura apenas o tempo necessário para Martini mandar substituir o barco que pelos canais o levará até Antuérpia, mas suficiente para confirmar a Golius que a fama de que Martini gozava como estudioso era merecida: "...ex paucis dictis et responsis facile perspexi de insignibus Viri dotibus minime vanam aut fallacem fuisse famam".
J. Golius, *De Regno Catayo additamentum*, p.II, in M. Martini, *Novus Atlas Sinensis*, Amesterdão, 1655.

Janeiro de 1654 - Chega a Antuérpia antes de 20 de Janeiro.
De uma carta (20-1-1654) de O. Worm a seu filho, mencionada por N. Golvers in *Viaggio di reclutamneto di M. Martini S.J. attraverso i Paesi Bassi nel 1654* in "Studi Trentini di Scienze Storiche", LXXIV, Trento, 1995, pp.447-474.

Fevereiro de 1654 - Encontra-se em Bruxelas, como resulta de algumas cartas suas. Numa carta de 20 de Fevereiro ao P. Geral, Goswin Nickel, Martini procura justificar a razão pela qual não tinha prosseguido logo para Roma, uma razão que dependia também da necessidade de chegar a um acordo, quer na Bélgica, quer na Holanda, com os estudiosos e os editores locais tendo em vista a publicação das suas obras.
A.R.S.I., *Fondo Gesuitico 649*, *379*, ff. 1rv-2rv. Veja-se M. Martini, *Opera Omnia*, ob. cit., vol. I, carta XII, pp.231-245.

1654 - Provavelmente em Fevereiro encontra em Bruxelas o arquiduque da Áustria Leopoldo Guilherme (1614-1662), governador da Bélgica, com quem tem uma conversa em italiano e em alemão e a quem dedicará o *Novus Atlas Sinensis*.
M. Martini, ob. cit., p.3 da dedicatória.

1654 - Por ocasião de uma primeira visita ao Colégio dos Jesuítas de Lovaina, feita em Fevereiro, decerto antes de 7 de Março, Martini faz uma conferência para descrever a sua viagem e a Missão chinesa. Ilustrará a dita conferência com algumas projecções feitas provavelmente com uma "lanterna mágica", confirmando assim ser um precursor também neste domínio.
G. Schottus S. J., *Magia Universalis*, *pars I continet Optica*, Herbopoli 1677, pp.424 ss.; V. P. Liesegang, *Der Missionar und China geograph Martin Martini (1614-1661) als erste Lichtbildredner* in "Proteus", 2, 1937, pp.112-116; N. Golvers, ob. cit., pp.467-468.

Março de 1654 - A *De Bello Tartarico Historia*, publicada em Antuérpia pelo editor B. Moret, term um êxito extraordinário. Só em 1654 serão publicadas quatro edições do texto latino (duas em Antuérpia, uma em Colónia e uma em Veneza) e cinco traduções (alemã, italiana, francesa, inglesa e holandesa).
A data provável da publicação (12-3-1654) pode ser tirada da *Summa Privilegi* publicada na página 166, bem como de uma carta de Martini a A. Kircher de 21 de Fevereiro de 1654 em que o informava que a impressão estava a ser ultimada.
A.P.U.G. *567*, ob. cit., f. 252rv. Veja-se M. Martini, *Opera Omnia*, ob. cit., vol. I, carta XIII, pp.247-253.

De meados de Março até aos primeiros dias de Junho de 1654 Martini permanece outra vez em Amesterdão, provavelmente para preparar a publicação do Atlas junto do editor Blaeu, não tendo conseguido chegar a um acordo neste sentido com o editor Moret de Antuérpia.
(*) N. Golvers, ob. cit., pp.464-465.

9.6.1654 - Outra vez de passagem por Antuérpia, onde ficará só oito dias, Martini encontra pela segunda vez J. Golius, que a 9 de Junho tinha pedido à sua universidade licença para o encontrar. Junto com Golius, Martini encontrará em Antuérpia dois insignes estudiosos e coleccionadores de coisas orientais: o conselheiro jurídico Jacob Edelheer, de Antuérpia, e Justin de Nobelaer.
J. Golius, ob. cit., p.111; A. Kircher, China Monumentis qua Sacris qua Profanis...illustrata*, Amesterdão, 1667, p.185; N. Golvers, ob. cit., pp.459-460, nota 39 e p.464, nota 59.*

Junho de 1654 - Encontra-se em Bruxelas, onde lhe-é feito um retrato, hoje perdido.
M. Martini, *De Bello Tartarico Historia*, ob. cit., p.166: "dum in Belgio Bruxellæ adhuc agerem mense junio 1654..."; N. Golvers, ob. cit., p.466, nota 62.

Julho de 1654 - Visita pela segunda vez o Colégio dos Jesuítas de Lovaina, de onde partirá em Julho juntamente com o jovem confrade Albert Dorville, dirigindo-se para Roma.
H. Bosmans, *Documents sur Albert Dorville de Bruxelles*, Lovaina, 1911, p.13 e (*) p.18 ("dès le courant de juillet Dorville s'était mis en route, avec Martini, pour Vienne, en Autriche; d'òu, après quelques temps, ils se rendirent à Rome").

16.7.1654 - Por ocasião da sua passagem por Düsseldorf e da sua viagem a caminho de Roma, Martini e Dorville obtém de Leopoldo Guilherme, conde palatino do Reno, duque de Neuburg, governador da Bélgica, a promessa de que a partir daquela data serão pagos à Missão jesuítica em terra chinesa 100 ducados napolitanos por ano.
Carta de Leopoldo Guilherme, de Düsseldorf de 16 julho de 1654, a Antonio Macambruno residente em Nápoles, in A.R.S.I., *Fondo Gesuitico*, *Missione in Cina*, *Fondatori e Benefattori 1616-1757*, *722/17*.

28.7.1654 - O P. Geral, G. Nickel, escreve a Martini pedindo-lhe que apresse a sua chegada a Roma: "Avide expecto R.V. cuius præsentia est hic valde necessaria...". A sua carta só chegará à Bélgica depois da partida de Martini.
H. Bosmans, ob. cit., pp.16-18.

1654 - Provavelmente Martini dirige-se para Roma passando pela Áustria e pelo Tirol.

9.9.1654 - Um decreto do imperador Fernando III da Áustria, de Ebersdorff, prevê o pagamento anual, a partir de Março de 1655 e a favor da Missão chinesa dos jesuítas, de mil florins do Reno, provenientes dos impostos sobre o vinho, bem como sobre o sal e a cerveja da Boémia.
A.R.S.I., *Fondo Gesuitico*, *Missione in Cina*, *Fondatori e Benefattori 1616-1757*, *722/17*. Veja-se M. Martini, *Opera Omnia*, ob. cit., vol. I, carta XVI, pp.275-283.

Setembro de 1654 - Segundo o que escreve o dominicano Domingo Navarrete (1618-1686), um "gran misionario" que tinha sido acolhido pelo imperador da Áustria em Viena, apresentou-lhe um jovem chinês, que se chamava Domenico, como se fosse uma alta personalidade e até como rei ou filho do soberano da China, enganando desta maneira Fernando III, que tratou o chinês até com demasiada cortesia. Este episódio, segundo Navarrete, não seria um caso isolado, já que outros jesuítas tinham feito o mesmo, o que demonstraria a sua duplicidade e a sua tendência para enganarem até os soberanos a fim de alcançarem de qualquer modo os seus objectivos. Navarrette abstém-se de dizer quem era aquele "gran missionario", ainda que seja evidente uma clara referência a Martini e também não dá os nomes dos outros jesuítas, que, no dizer dele, se comportaram da mesma maneira, e que são

todavia identificáveis. Na descrição deste episódio e na sua tentativa de atribuir a responsabilidade ora a este ora àquele jesuíta de se ter aproveitado da boa-fé, ou antes, da "ingenuidade" deste ou daquele soberano europeu, Navarrete parece excercitar de qualquer maneira a sua fantasia.
Navarrete, *Tratados historicos*, *politicos*, *ethicos y religiosos de la Monarchia de China*, Madrid ,1676, p.25.5 e p.333.5.
Do mesmo aviso é um contemporâneo de Navarrete, que, apesar de não negar o dito encontro, afirma que o episódio da apresentação do chinês como filho do soberano da China é tão absurda que parece ser fruto da fantasia de Navarrete e dos dominicanos, que o tinham assim posto a circular para descreditar Martini e os jesuítas.
J. Cortes Osorio S. J., *Reparos historiales*, Pamplona 1677, pp.13rv-14r, n. 28.

Outubro de 1654 - Martini chega a Roma, como resulta da sua carta de 8 de Outubro ao professor Lorenz Forer, bem como de uma carta de 31 Outubro do P. Geral, G. Nickel, ao Provincial das Flandres e da Bélgica.
Munique, Hauptstaatsarchiv, *Jesuitica* 607/112, n. 279; H. Bosmans, ob. cit., p.26.

1.11.1654 - O imperador Fernando III da Áustria escreve de Viena ao rei de Espanha D. Filipe IV a comunicar o que Martini lhe tinha exposto ("nobis exposuit") de viva voz numa conversa sob o sequestro da carga do navio *La Concepcion* e sobre a vontade dos Jesuítas de ser pagos pelos danos sofridos (ver *supra*, Março de 1651-Janeiro de 1652). Tem assim começo uma troca de cartas entre Filipe IV, o embaixador da Áustria e o *Consejo de Indias*, em Madrid, e o governador das Filipinas e a *Real Hacienda* de Manila, que por causa da distância e da lentidão dos meios de comunicação se arrastará durante alguns anos. Quando, finalmente, a 18 de Junho de 1662 Filipe da Espanha pede à *Real Hacienda* que pague a Martini a quantia devida, o jesuíta tinha já falecido a 6 de Junho de 1661.
Sevilha, *Archivo Geral de Indias*, carta de Fernando III in *MP-Documentos Reales*. *5*; Instruções de Filipe IV in *Filipinas*, *330*, *L. VI*, ff. 14rv-15rv, além de mais documentos catalogados in F. Navas del Valle, *Catalogo de los documentos relativos a las islas Filipinas existentes en 10 tomos (1493-1662)*, t. IX, Barcelona 1936 (os dois documentos são indicados pelos números 19658 e 20782).

Novembro-Dezembro de 1654 - Provavelmente nestes dois meses endereça aos "Eminentissimi Cardinali"as duas cartas (sem data) em que anuncia a sua chegada pedindo que o ouçam sobre a questão relacionada com os Ritos chineses.
A.P.F. 193, ff. 83r-90v e 84r-89v; veja-se M. Martini, *Opera Omnia*, ob. cit., vol. I, carta XXI e carta XXII.

Dezembro de 1654 - A *Brevis Relatio de Numero et Qualitate Christianorum apud Sinas* é publicada em Roma pelo editor I. de Lazzeris.

1655 - No decorrer do ano apresenta algumas instâncias e petições a fim de obter facilidades e privilégios para os cristãos chineses, subvenções para comprar livros e pagar quer as despesas da viagem para a China dos seus confrades, quer as despesas relativas à instituição dum seminário na China para a formação dos futuros sacerdotes chineses.

2.4.1655 - Só uma carta tem data e é a endereçada de Roma ao P. Geral, em que Martini propõe a possibilidade de chegar à China por via terrestre.
Veja-se M. Martini, *Opera Omnia*, ob. cit., vol. I, carta XVII.

21.6.1655 - O cardeal Francesco Albizzi apresenta à Congregação da *Propaganda Fide* a petição de Martini para a solução de algumas dúvidas e dificuldades no serviço da Missão chinesa. A Congregação, porém, não trata do assunto como "iussit adiri S. Officium".
Veja-se M. Martini, *Opera Omnia*, ob. cit., vol. I, documento VI, pp.345-346.

1655 - Provavelmente na segunda metade do ano apresenta um prolixo memorial ao Santo Ofício sobre a Questão dos Ritos chineses.
Veja-se o memorial n. XXVIII in M. Martini, *Opera Omnia*, ob. cit., vol. I.

15.8.1655 - Pronuncia os quatros votos solenes e as cinco promessas particulares na casa da Companhia de Jesus, em Roma, na presença do P. C. Schorrer.
Veja-se M. Martini, *Opera Omnia*, ob. cit., vol. I, documento n. XXV e documento n. XXVI.

22.8.1655 - Escreve ao P. Geral de Roma pedindo-lhe que se interesse pela cobrança do dinheiro e pela transferência para a vice-província chinesa do dinheiro oferecido por alguns benfeitores.
A.R.S.I., *Fondo Gesuitico*, *Missione in Cina*, *Fondatori e Benefattori* 1616-1767, 722.17. Veja-se M. Martini, *Opera Omnia*, ob. cit., vol. I, documento n. XIX.

Segunda metade de 1655 - Em Amesterdão, o editor J. Blaeu publica o *Novus Atlas Sinensis*, dedicado a Leopoldo Guilherme, arquiduque da Áustria e governador da Bélgica. Da data da *Summa Privilegi* (i.e., 11 de Maio de 1655) resulta que a obra foi publicada no segundo semestre do ano.

19.12.1655 - Com o P. Prospero Intorcetta S. J. deixa Roma a fim de se dirigir para Génova.
A.R.S.I., *Hist. Soc. 23* (Diari 1610-1655), f. 90.

11.1.1656 - Parte de Génova no navio mercante holandês *Trigla* ou *Mullo*, fretado por alguns mercadores holandeses e com destino a Portugal. Com ele viajavam nove jesuítas, que tinham que se dirigir para as missões da China e dos quais ele é o superior, além de um grupo de jesuítas com destino à Índia e dos quais era responsável o P. Giacinto de Magistris.
Carta de F. Verbiest a I. Melgaert, escrita de Génova no final de Fevereiro de 1656, mencionada por H. Bosmans, ob. cit., pp.33-57.

15.1.1656 - O navio *Trigla* é atacado por um barco pirata francês e, apesar da corajosa resistência da tripulação, é levado Para ilha de Santa Margarida, junto à Costa Azul, onde chega a 1 de Fevereiro de 1656.
H. Bosmans, ob. cit., pp.36-47.

16.2.1656 - Depois de ter combatido com coragem, Martini evidencia-se também como hábil e astuto negociador por ocasião das longas negociações com o comandante do barco pirata, conseguindo subtrair ao cativeiro todos os seus confrades, que, por fim, chegam sãos e salvos a Génova.
H. Bosmans, *ob. cit.*, p.56; M. Martini, *Opera Omnia*, ob. cit., vol. I, carta XXIX e carta XXX.

19 e 26.2.1656 - Martini dirige-se primeiro ao P. Geral, G. Nickel, e depois ao cardeal Francesco Barberini para relatar o que lhe tinha acontecido e para solicitar ajuda material para si e para os seus confrades a fim de prosseguir a sua viagem para a China. Ao P. Geral pede também que possa regressar a Roma para seguir de perto as questões que tinha tomado a peito e ao mesmo tempo acabar, nas

horas livres, a sua obra sobre a História da China.
Veja-se M. Martini, *Opera Omnia*, ob. cit., vol. I, carta XXIX e carta XXX.

23.3.1656 - Os juízes do Tribunal do Santo Ofício dão uma solução favorável às teses dos Jesuítas sobre a Questão dos Ritos que tinham sido expostas por Martini. O Decreto de Alexandre VII, de 23 de Março, então perde validade face ao precedente Decreto de 1645.
Veja-se M. Martini, *Opera Omnia*, ob. cit., vol. I, pp.431-444.
O estado actual das pesquisas não permite saber como e onde Martini passou o ano na Europa à espera de partir outra vez para a China. Atrasando a partida para a China, Martini pôde ir à procura de uma cópia do Decreto de 23 de Março de 1656, que então lhe foi possível ler, bem como completar a sua obra histórica; contudo não descuidou as suas responsabilidades enquanto procurador da Missão chinesa, procurando mandar partir logo alguns dos seus confrades para Lisboa, de onde zarparão, a 30 de Março de 1656, para o Extremo Oriente no navio *Bom Jesus do Carmo*.

4.4.1657 - Martini parte de Lisboa com mais dezasseis jesuítas no navio *Bom Jesus da Vidigueira*.
J. Wicki, ob. cit., n. 89/1031, p.301.

1657 - Chega a Goa provavelmente no final do ano.
A. Ferrão, *Relação da viagem que fizerão de Goa à Machao os Missionarios da China o anno de 658*... in A. A. Ferreira da Cruz, *Noticias do Oriente Portugues en 1658 segundo una relacion inedita*, Porto, 1958, p.17. Ferrão, que tinha viajado com Martini, escreve que a 3 de Janeiro de 1658, antes de deixar Goa, confiou a um navio que ia partir para Lisboa uma carta sua. Daqui resulta que quer ele quer Martini tinham chegado a Goa pelo menos no mês anterior.

30.1.1658 - Parte de Goa juntamente com nove confrades.
Veja-se M. Martini, *Opera Omnia*, ob. cit., vol. I, carta XXXI.

30.3.1658 - Chega a Larantuka (Solor), Flores oriental.
A. Ferrão, ob. cit., p.30.

10.6.1658 - Parte de Larantuka.
A. Ferrão, ob. cit., p.38.

21.5.165 - Chega a Makasar em más condições de saúde, como de resto os seus companheiros de viagem.
A. Ferrão, ob. cit., p.39.

Maio-Junho de 1658 - Durante a sua estadia em Makasar, encontra Domingo Navarrete O. P., que lhe pede, obtendo-a, uma cópia não-autenticada do Decreto do Santo Ofício de 23 de Março de 1656, que logo enviará ao Arcebispado de Manila e aos seus superiores.
D. Navarrete, *Controversias antiguas y modernas de la Mission de la Gran China*..., Madrid, 1679, pp.328-329 (Trat. VI); B. Ibanez O. F. M., *Brevis Relatio (an. 1668)* in *Sinica Franciscana*, III, Florença ,1936, pp.81-82, n. 13.

17.6.1658 - Parte de Makasar para Macau juntamente com cinco confrades.
A. Ferrão, ob. cit., p.42.

17.7.1658 - Chega a Macau com os cinco confrades: André Ferrão, Albert Dorville, Ferdinand Verbiest, Prospero Intorcetta e o coadjutor Manuel dos Reys. Dos nove confrades que tinham partido juntamente com ele de Goa, três tinham falecido na viagem.
Veja-se M. Martini, *Opera Omnia*, ob. cit., vol. I, carta XXXI, e A. Ferrão, ob. cit., p.46.

1658 - Domingo Navarrete, que tinha chegado a Macau dois dias antes de Martini, procura pedir ao Jesuíta tridentino mais uma cópia do Decreto do Santo Ofício, mas através do P. Marquez, do arcebispado de Macau. Apesar de Navarrete fazer duas vezes o pedido, Martini recusa entregar-lha, dizendo que não quer "pubblicare alcun documento di S. Santità in Cina"; porém, mais tarde, entregará uma cópia do documento a Domingo Coronado O. P., acrescentando que "il p. generale non voleva che fosse pubblicato".
D. Navarrete, ob. cit., pp.328-329.

30.9.1658 - Numa carta enviada de Macau ao P. Geral, G. Nickel, o belga Dorville critica o comportamento de Martini por ocasião da longa viagem de Lisboa. Acusa-o de se ter comportado duma maneira demasiado autoritária; de não se ter abastecido de remédios em quantidade suficiente, pelo que quase todos tinham adoecido, morrendo alguns deles; de não ter mostrado compreensão pelos padecimentos dos doentes; de ter disposto arbitrariamente dos fundos da Missão e dos que tinham sido concedidos pelo duque de Neuberg (cfr. carta de 16 de Julho de 1654), concessão cujo mérito Dorville a si próprio atribuía. A dita carta, além de em parte estar cifrada, não favorece o seu autor, tanto mais que tem que ser provavelmente imputada às más condições físicas e mentais de que Dorville deve ter padecido por ocasião da longa viagem. De facto, ele não tem em consideração que o próprio Martini tinha adoecido, chegando a Macau – como escreve Ferrão – semiparalítico e atormentado por cólicas que lhe provocavam agudíssimas dores abdominais; contudo, durante uma tempestade a 7 de Fevereiro, no momento em que o navio dobrava o Cabo Comorim, tinha tido forças para substituir o piloto que tinha desvairado de medo. O próprio Ferrão acrescenta que Martini tinha tido o leme durante uma noite inteira, salvando todos dum naufrágio certo.
A.R.S.I., *Jap. Sin. 162*, ff. 32rv-33rv; A. Ferrão*, ob. cit.,* p.39.

30.10.1658 – Numa outra carta enviada, sempre de Macau, ao P. Geral, G. Nickel, Dorville descreve a viagem de Goa a Macau. Desta vez elogia o comportamento de Martini durante a tempestade por ter tomado o comando do navio.
A.R.S.I., *Jap. Sin. 162*, ff. 36rv-37rv.

Outubro-Novembro de 1658 - Segundo a supracitada carta de Dorville e uma de Martini de 2 de Novembro, em Macau tinham rebentado algumas desordens envolvendo a população chinesa, as autoridades portuguesas e os jesuítas. Parece que um jesuíta português tinha mandado aprisionar um marinheiro chinês que se tinha comportado inconvenientemente numa igreja, molestando uma mulher. A notícia do seu aprisionamento tinha provocado a reacção da população chinesa. As autoridades de Cantão aproveitaram aquela circunstância para tomar medidas contra os portugueses, inclusive proibindo de entrada dos estrangeiros na China. Martini ficou então bloqueado em Macau sem poder prosseguir a sua viagem a caminho da sua terra de missão.
Veja-se M. Martini, *Opera Omnia*, ob. cit., vol. I, carta XXXI, além da supracitada carta de Dorville.

Novembro-Dezembro de 1658 - A *Sinicæ Historiæ Decas Prima* é publicada em Munique pelo editor L. Straub. A sua impressão deve ter sido concluída no final de 1658, pois a dedicatória ao imperador Leopoldo I da Áustria é de 1 de Novembro.

6.2.1659 - Numa carta de 6 de Fevereiro de 1659 ao P. Geral, G. Nickel, Martini revela que está para regressar à China. Como já tinha

escrito na sua carta de 2 de Novembro de 1658, a situação em Macau ia voltando ao normal, o que teria facilitado a revocação das medidas tomadas pelas autoridades chinesas. Pelo que diz respeito a Martini, a sua partida foi facilitada pelas intervenções feitas a seu favor em Pequim quer por A. Schall von Bell, quer por um "prefetto" seu amigo, provavelmente Tong Guoqi, governador do Zhejiangde de 1658 a 1660. Tendo-lhe sido dada licença para partir, Martini pôde retomar a sua viagem, agora tratado com todas as honras. Com ele viajavam mais nove jesuítas, que se preocupou em distribuir pelas residências que lhes tinham sido assinadas em terra de missão.
Veja-se a carta XXXI nota 25 e carta XXXIII nota 2 in M. Martini, *Opera Omnia*, ob. cit., vol. I, e A. Greslon, *Histoire de la Chine sous la domination des Tartares*, Paris, 1671, p.13.

11.6.1659 - Regressa a Hangzhou.
Veja-se a carta XXXIII in M. Martini, *Opera Omnia*, ob. cit., vol. I.

1659-1661 - Graças ao apoio financeiro que lhe tinha sido concedido por duas mulheres convertidas – a mulher de Tong Guoqi, conhecida pelo nome cristão de Ágata, e a concubina de Su Quinwang, descendente da família Zhao, que logo depois da morte do marido tinha assumido o nome de Judite –, Martini inicia (1659) a construção de uma igreja num terreno adquirido em Hangzhou, que ficava ao sul do Tianshuiqiao (Fonte da água celeste) e no interior da Beiguanmen (Porta dos muros setentrionais). A dita igreja foi desenhada – provavelmente pelo próprio Martini – segundo o estilo ocidental, com uma fachada que parece ter certa semelhança com a "Chiesa del Gesù" em Roma. Acabada a sua construção, foi então reconhecida como a igreja mais linda da China. Nos primeiros tempos foi chamada de "Templum Salvatoris", sendo-lhe logo a seguir posto o nome de "Igreja da Imaculada Conceição". Martini seguiu os trabalhos da construção da igreja e do colégio anexo "magna cura et industria", conseguindo nela reunir (1660) 207 baptizantes, que foram então aspergidos com a água benta da vizinha "acqua celeste".
T. I. Dunin-Szpot, *Collectanea Hist. Sinensis*, *1641-1680* in A.R.S.I., *Jap. Sin. 104*, ff. 146v-147r; C. Le Gobien, *Histoire de l'édit de l'empereur de la Chine*, Paris, 1698; trad. it. Turim, 1699, pp.59-61; Fang Hao, *Zhongguo Tianzhujiao shi renwu zhuan* (Biografias de Algumas Personalidades da História da Religião Católica na China), vol. II, Hong Kong, 1970, pp.49-50, 115-116; J. Dehergne, *Les chrétientés de Chine de la période Ming (1581-1650)* in "Monumenta Serica", vol. XVI, 1957, pp.117-118; D. E. Mungello, *The forgotten Christians of Hangzhou*, Honolulu, 1994, pp.28-35.

6.6.1661 - Martini falece depois de uma breve doença devida a uma terapia errada. As circunstâncias do seu falecimento, que o colheu quando era ainda jovem, cheio de entusiasmo e de zelo pelas actividades da sua missão, são conhecidas graças a uma carta de Philippe Couplet (1622-1693) a Christian Mentzel de 26 de Abril de 1687. Padecendo de dores de estômago, provavelmente em consequência de uma infecção surgida durante os quarenta dias da sua estadia em Larantuka (veja-se *21 de Maio de 1658*), Martini tomou uma dose excessiva de ruibarbo, muito mais do que lhe tinha prescrito o médico chinês. Martini faleceu assim no espaço de alguns dias.
A carta original de Couplet encontra-se na Staatsbibliothek Preuss, Kulturbesitz, Handschrift Abteilung, *Ms. Germ. f. 1479*, auftragnr 81/25, ff. 31rv-32rv, e uma cópia na Glasgow University Library, Special Collections Dept., Hunter Collection: *Collectio Sinicorum Manoscriptorum Opuscolorum n. 8*, *Cupletianæ epistolæ ad Christianus Mentzelium ex autographis*, pp.171-176.
O corpo de Martini foi enterrado fora da cidade de Hangzhou, em Dafangjing, num terreno que tinha sido dado à missão dos jesuítas pelo filho de Yang Tingyun (1562-1627), uma das maiores personalidades da cultura chinesa da época, que tinha abraçado a fé católica.
Fang Hao, *Hangzhou Dafangjing Tianzhujiao gu mu zhi yan ge* (Evolução do Antigo Cemitério Cristão de Dafangjing em Hangzhou) in *Fang Hao liushi zidinggao* (As obras de Fang Hao Revistas e Editadas por ele próprio por ocasião dos Seus Sessenta Anos), Taipei, 1969, vol. II, pp.1940-1946; N. Standaert, *Yang Tingyun*, *Confucian and Christian in late Ming China*, Leiden, 1988, pp.68-69; Xu Mingde, *Shiqi shiji Yidali Wei Kuangguo mudi kao* (Investigação acerca do Túmulo do Sinólogo Italiano do Século XVII Wei Kuangguo, isto é, Martini) in "Sino-Western Cultural Relations Journal", XI, 1989, pp.1-10; D.E. Mungello, *The forgotten Christians of Hangzhou*, Honolulu, 1994, pp.51-57.

1661 - Aparece postumamente e em língua chinesa o *Qiuyou pian* (Tratado da Amizade).

1676 - O P. Prospero Intorcetta S. J. compra mais um terreno em Dafangjing, mas mais seco e elevado do que o primeiro, com o propósito de para lá transferir os despojos mortais dos jesuítas enterrados no velho cemitério, cujos túmulos se tinham deteriorado por causa da humidade. A trasladação daqueles despojos mortais começará em 1678.

Inícios de Agosto de 1678 - À abertura do seu túmulo, descobriu-se que o corpo de Martini, diferentemente dos outros, estava quase intacto, isto é, livre de "corruptione ac putredine".
A.R.S.I., *Jap. Sin. 117*, ff. 189rv-190rv e sobretudo f. 189v.

20.4.1679 - Apesar de tão surpreendente descoberta, o seu corpo foi deixado no mesmo "humidissimo" lugar até 1679, quando um novo reconhecimento permitiu verificar que estava ainda em bom estado bem com as óptimas condições das suas vestiduras e a falta de mau cheiro. Transferidos para a capela do novo cemitério, os despojos mortais de Martini, cujo processo de decomposição parecia ter abrandado, tornaram-se objecto de culto para os fiéis e também para os pagãos. Segundo os testemunhos de alguns missionários, no começo do século XIX o corpo de Martini estava ainda em razoáveis condições, acabando por se pelas excessivas manifestações de culto. O último testemunho remonta a 1843. Em 1877, os missionários lazaristas, em consideração à já avançada deterioração dos despojos mortais de Martini, bem como para pôr fim às manifestações de culto dos pagãos, que se pareciam com a idolatria e a superstição, reuniram os ossos de Martini numa urna, sepultando-os na capela do cemitério.
A.R.S.I., *Jap. Sin. 166*, *Sinæ Epistolæ 1694-1699*, ff. 428-441; T. I. Dunin-Szpot, *Hist. Sinarum 1641-1687*, ff. 201v-202r in A.R.S.I., *Jap. Sin. 103*; id., *Collectanea Historiæ Sinensis 1641-1680*, ff. 147rv, 310rv; ibid. *104. Pfister*, p.259, nota 2; Fang Hao, *Zhongguo Tianzhujiao shi renwu zhuan* (Biografias de Algumas Personalidades da Religião Católica na China), vol. II, Hong Kong, 1970, p.116. RC

Texto de Giuliano Bertuccioli.
Traduzido do original italiano por Stefania Elena Carnemolla.